

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Marco Aurélio de Passos Rodrigues

LINGUAGEM E IDEOLOGIA EM *MARXISMO E FILOSOFIA DA
LINGUAGEM*

Guarulhos

2013

MARCO AURELIO DE PASSOS RODRIGUES

LINGUAGEM E IDEOLOGIA EM *MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM*

*Dissertação de mestrado apresentada à
Universidade Federal de São Paulo como
requisito parcial para obtenção do título
de Mestre em Filosofia do curso de
filosofia. Curso: Área de concentração:
Metafísica e linguagem.
Orientação: Marcelo Silva de Carvalho*

**GUARULHOS
2013**

Rodrigues ,Marco Aurélio de.

Título : *Linguagem e ideologia em Marxismo e filosofia da linguagem.*
– 2013.
105 f.

Dissertação de Mestrado
(Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos,2013.
Orientação: Orientador.

1. Marxismo. 2. Linguagem . 3.Ideologia . I. Orientador: Marcelo Silva
de Carvalho.

MARCO AURÉLIO DE PASSOS RODRIGUES
LINGUAGEM E IDEOLOGIA EM *MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM*

Dissertação de mestrado do curso de filosofia apresentada à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Metafísica e linguagem.

Aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Marcelo Silva de Carvalho (Orientador)
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Silvio Rosa Filho
Instituição: Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. João Virgílio Gallerani Curter
Instituição: Universidade de São Paulo

Dedico este trabalho a Elisângela Espinhara, que tanto me ajudou nesta empreitada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela oportunidade de realizar este trabalho. Ao meu orientador, Marcelo Silva de Carvalho por ter acreditado e depositado confiança em mim e nessa pesquisa. Certamente, sua paciência em lidar com as dificuldades enfrentadas, no início desta pesquisa, contribuiu de maneira significativa para a transformação deste trabalho. Aos professores Silvio Rosa e Thiago Trajano que trouxeram apontamentos importantes no exame de qualificação. Aos interlocutores e amigos de pós-graduação que, de certa maneira, contribuíram de forma significativa com os inúmeros diálogos ao longo deste desenvolvimento de pesquisa, Ao CNPQ por ter concedido à bolsa de estudos que me propiciou a estudar e aprofundar esta pesquisa, aos amigos Vinicius, Washington, Marcos Euzébio que desde o curso de graduação enriqueceram os debates filosóficos realizados até momento.

Eu quase que nada não sei. Mas
desconfio de muita coisa.
[Guimarães Rosa]

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo estudar a obra *Marxismo e filosofia da linguagem* e entender como se constitui a relação entre linguagem e ideologia. Para estabelecer como se organiza esta relação, dividiremos este trabalho em três partes. A primeira expõe o debate que a obra faz com três importantes adversários: i) a ortodoxia marxista; ii) o neokantismo, em específico, um dos membros desta escola filosófica, Ernst Cassirer e, por fim, iii) Ferdinand de Saussure. O segundo capítulo expõe de que maneira é construído no interior de *Marxismo* o conceito de linguagem e como esta surge como um projeto de uma filosofia marxista da linguagem. Para isso, são analisados temas como: a consciência, significação e análise da ideologia. No terceiro capítulo, será explicado de que forma é colocado em prática a tentativa de aplicação do método sociológico por meio da análise do discurso direto e indireto. Após as explicações desses capítulos serão realizadas as considerações finais.

Palavras-chave: Marxismo, Linguagem, Ideologia.

ABSTRACT

ABSTRACT

This dissertation intends to study the book *Marxism and the Philosophy of Language* and to understand how the relationship between language and ideology is established. To do this we will divide this text in three parts. The first one presents the book's exchange with three important antagonists: i) Marxist orthodoxy; ii) Neokantianism, particularly one of the participants of this philosophical school, Ernst Cassirer; and iii) Ferdinand de Saussure. The second Chapter presents the way the concept of language is established in *Marxism* and how this constitutes the project of a Marxist philosophy of language. In the third Chapter, we explain how the attempted application of the sociological method is putted into practice by means of an analysis of the direct and indirect speech. After that, we present our final considerations.

Key words: Marxism, Language, Ideology.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO GERAL	12
Um debate interminável: sobre a questão da autoria	17
CAPITULO I. O NÚCLEO DA CONCEPÇÃO DE MARXISMO E O EMBATE COM SEUS ADVERSÁRIOS	22
1.1. Introdução ao núcleo temático de <i>Marxismo e filosofia da linguagem</i>	23
1.1.1. O contexto da obra <i>Marxismo e filosofia da linguagem</i>	25
1.1.2. A linguagem, o signo e a palavra: breves considerações	31
1.1.3. Os adversários: a ortodoxia marxista	37
1.2. O Cassirer na filosofia das formas simbólicas e a crítica ao autor	43
1.2.1. O neokantismo	43
1.2.2. O ponto de partida de Cassirer: a revolução copernicana de Kant	45
1.2.3. A crítica a Cassirer	48
1.3. Aspectos gerais sobre a linguagem em Saussure	52
1.3.1. A crítica a Saussure	54
1.4. Conclusão: temas e desdobramentos em <i>Marxismo e filosofia da linguagem</i>	59
CAPÍTULO II: POR UMA FILOSOFIA MARXISTA DA LINGUAGEM	62
2.1. A construção de uma filosofia marxista da linguagem	63
2.1.1. Em busca de definição do objeto de pesquisa: a linguagem	65
2.1.2. Uma corrente ininterrupta: sobre a linguagem e normas fixas	69
2.1.3. O problema da consciência subjetiva (ou expressão)	72

2.1.4. Análise da ideologia	81
2.1.5. Tema e significação	84
2.2. Conclusão:	88
CAPÍTULO III. A NATUREZA SOCIAL DA ENUNCIÇÃO: SOBRE A TENTATIVA DE APLICAÇÃO DO MÉTODO SOCIOLÓGICO	90
3.1. Introdução a temática	91
3.1.1. Início do percurso	93
3.1.2. Discurso direto e indireto e suas variantes	96
3.3. Conclusão	102
3.4. Considerações finais	103
BIBLIOGRAFIA	110

1 APRESENTAÇÃO GERAL

Nada é absolutamente morto. O sentido de cada coisa terá sua festa de nascimento¹. (Mikhail Mikhailovich Bakhtin)

Publicado pela primeira vez em 1929, *Marxismo e Filosofia da linguagem* (*Марксизм и философия языка*) apresentou-se como uma obra ímpar em meio ao amplo contexto de discussão sobre o marxismo soviético. Ao debater questões como: formalismo, psicologismo, marxismo e linguagem este texto apresentou-se de forma polêmica na maneira pela qual expõe tais temas. Neste sentido, o trabalho que será apresentado se organiza a partir da própria estrutura do livro.

De maneira geral, podemos notar que o núcleo da obra é a apresentação da primeira parte sobre o signo ideológico e a palavra. Após a exposição inicial que é feita sobre estes temas, ocorrem desdobramentos em três grandes momentos, os quais podem ser considerados como os principais temas analisados cuidadosamente. Dentre os inúmeros embates expostos ao longo da obra, alguns em menor parte e outros analisados com mais cautela, destacamos o primeiro embate à questão da ideologia e sua crítica à ortodoxia marxista de seu tempo.

A obra *Marxismo* está localizada na conjuntura cultural de debate, no qual o conceito de ideologia no contexto russo do século XIX é amplamente abordado. Nelson Barros da Costa² faz um interessante resgate do conceito e evidencia exatamente qual a tese defendida pelos linguistas soviéticos. Segundo o autor, existem duas diferentes concepções do marxismo acerca do conceito de ideologia, a primeira concebe a ideologia como “uma apresentação desse real que o inverte e

¹ Original em russo: Нет ничего абсолютно мертвого. У каждого смысла будет свой праздник возрождения. (Михаил Михайлович Бахтин)

²Nelson Barros da Costa. *Contribuições do marxismo para uma teoria crítica da linguagem*, p.42

em seguida, oculta e dissimula as contradições³". A outra concepção de ideologia apresentada pelo autor deriva de um texto polêmico de Marx⁴ "*Ideologia Alemã*", é exposta como "neutra e designa quaisquer formas de consciência provindas das classes sociais. Trata-se, neste caso, de um fenômeno superestrutural do qual o próprio marxismo seria um exemplo⁵".

A este respeito, cabe salientar que a compreensão contida em *Marxismo* acerca desse conceito é a mesma que a ortodoxia marxista de seu tempo. Na maior parte dos casos, os marxistas se propõem a analisar o mecanismo da gênese da ideologia como fenômeno de superestrutura e a definir suas relações com a consciência. A linguagem seria, então, um meio de ideologia e não pode ser separada da própria ideologia. Neste sentido:

Quando Volochinov se debruça sobre a questão genealógica da ideologia com vistas a estabelecer as leis de seu desenvolvimento na consciência humana, ele segue o percurso tradicional. Com efeito, todos os teóricos do marxismo propuseram-se a apresentar o mecanismo da gênese da ideologia – concebido como fenômeno da superestrutura – e a definir suas relações com a consciência (G. Plekhanov, V. Lênin. N. Bukhrin⁶).

Desenvolver uma compreensão científica da base material da consciência humana foi uma questão fundamental para inúmeros cientistas sociais marxistas na Rússia pós-revolucionária. Como criar as bases materiais de uma teoria científica sobre a consciência sem cair no subjetivismo? Certamente, esta questão apresenta-se como prioridade para ser respondida em *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tentar mostrar como ela é construída no interior do texto é de fundamental importância para entender o papel da filosofia da linguagem no ramo dos estudos das ideologias descritas na obra.

³ *Ibidem*.

⁴ Polêmico no sentido de que os textos utilizados nos anos vinte não é *Ideologia Alemã*, mas sim, *O capital*, de Karl Marx.

⁵ *Ibidem*. p.43

⁶ *Ibidem*, p.04

É por esta razão que as novidades colocadas na obra *,Marxismo e Filosofia da linguagem*, se desdobram em uma profunda crítica realizada a dois importantes aspectos considerados como problemáticos. O primeiro se refere à ausência de estudos marxistas no domínio da filosofia da linguagem, o segundo se refere ao desdobramento desta ausência, pois segundo o autor, os problemas da filosofia da linguagem são percebidos na maioria dos casos (em Ernst Cassirer) como manifestações de consciência, ou seja, fenômenos de natureza psicológica. Estas concepções “constituem um grande obstáculo ao estudo dos aspectos específicos dos fenômenos ideológicos, portanto não podem ser reduzidas as particularidades da consciência e do psiquismo.”.

A partir da identificação e exposição da problemática de transformar os estudos das ideologias em estudos da consciência e suas leis, o autor parte da seguinte tese exposta no primeiro capítulo da obra: “a ideologia não pode derivar da consciência, a própria consciência só pode surgir mediante a encarnação material dos signos”⁷. Ora, o que revela esta tese?

De maneira geral, esta tese revela a edificação de um projeto crítico que surge, inicialmente, como uma construção de uma filosofia da linguagem de fundamento marxista, para posteriormente recusar toda forma de construção de conhecimento baseada apenas em pressupostos psicológicos, e é neste exercício de reflexão sobre a linguagem que surge o anti-psicologismo⁸, exercido de maneira radical em sua obra. Esta recusa é identificada em *Marxismo* como segundo adversário a partir da análise da obra de Cassirer: *Filosofia das formas simbólicas I: A linguagem*.

Para entender como o debate será estruturado no primeiro capítulo da dissertação é necessário compreender de que maneira é constituída a recusa com relação à construção de conhecimento baseada em pressupostos psicológicos, a partir de quais pontos ocorre o embate e por quais razões os argumentos de Cassirer em *Filosofia das formas simbólicas* são rejeitados.

⁷ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.25

⁸ A este respeito, conferir a obra de Martin Kush. *Psychologism. A case studythe sociology of philosophical knowledge*. Em específico, o capítulo VII, *The neokantians*.

O autor de *Marxismo* parte da ideia de que a ideologia não está na consciência, está na linguagem, e que ao criticar a ideologia estará criticando automaticamente a linguagem. O erro de Cassirer, descrito pelo autor de *Marxismo* está na maneira de ver esta relação de modo contrário, pois para Cassirer, a constituição da ideologia encontra-se assentada na consciência e o signo não é um objeto dado no material, é apenas uma representação simbólica ancorada na consciência. Ora, de que maneira são desenvolvidos os argumentos contra Cassirer? Como é refutado o problema da consciência para resolver a questão da linguagem? Tais questões servirão como eixo norteador no primeiro capítulo desta dissertação com o objetivo de desenvolver uma leitura mais aprofundada acerca da questão.

Por fim, o terceiro e último debate travado em *Marxismo* se refere à concepção de linguagem de Ferdinand de Saussure, denominada por ele de “objetivismo abstrato”. Ora, por que tal denominação? O erro fundamental de Saussure se refere à noção de sistema, que geralmente é assimilado ao conceito de estrutura, foco de ataques em *Marxismo*. Nas críticas do autor, percebe-se que estrutura é um sistema que explica o arranjo da linguagem, as quais são solidárias. A concepção de linguagem de Saussure aparece como um campo harmônico, independentes das significações ideológicas que as ligam.

O ponto de embate que será travado em *Marxismo* é a partir da seguinte questão. Quais são as leis deste sistema interno de língua? A resposta é dada da seguinte maneira: são leis puramente imanentes e específicas, irredutíveis às leis ideológicas.

O ponto de recusa e ruptura acerca deste tema é exposto por Santos e Nascimento⁹,

Bakhtin rompe com a noção de sistema linguístico-formal, recusando, por conseguinte, a lógica. Ele não vê a existência humana e, por conseguinte, a linguagem explicada por meio de modelos lógico-matemáticos. Ele parte da análise de duas abordagens do pensamento linguístico: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. Para ele nem a linguística, nem a filosofia

⁹ Iveraldo Santos e Maria Eliza Freitas do Nascimento. *Bakhtin e Wittgenstein, teorias em diálogo*. p.79

da linguagem produzidas no século XIX e início do XX conseguiram responder de forma satisfatória às indagações referentes ao objeto de estudo da filosofia da linguagem, qual sua natureza e que metodologia utilizar para estudá-la. Em grande medida ele se contrapõe a teoria da linguagem desenvolvida por Frege, Saussure e o primeiro Wittgenstein, ou seja, o Wittgenstein do *Tractatus Lógico-philosophicus*.

Ao romper com a noção de sistema linguístico-formal, o autor de *Marxismo* recusa que a linguagem possa ser explicada por meio de normativas. É neste sentido que o autor analisa cuidadosamente soluções e problemas da filosofia da linguagem e da linguística.

Cabe salientar que a concepção de linguagem contida em *Marxismo e filosofia da linguagem* é construída, principalmente, a partir dos problemas colocados no interior da obra. Por exemplo, um dos maiores erros de Ferdinand de Saussure é não considerar o aspecto da evolução histórica da linguagem, pois ela é cheia de contradições. Assim sendo, a pesquisa desenvolvida por Saussure fica no nível da estrutura formal da língua e não aprofunda em direção a dimensão da construção social da língua. É por esta razão que é preciso inserir a linguagem no ramo dos estudos das ideologias, compreendendo-a na esfera única da relação social de criação ideológica.

Na segunda parte da obra, denominada de: "*Para uma filosofia da linguagem*", tem como objetivo buscar o objeto de estudo da filosofia da linguagem. Para isso, o autor parte da seguinte questão, no que consiste o objeto da filosofia da linguagem? Onde podemos encontrá-lo? Qual a sua natureza concreta? Este curioso movimento colocado por meio de questões, coloca em debate o entendimento e exposição do que é esse objeto para o autor. Neste sentido, esse capítulo mostra de maneira clara como é constituído o objeto e algumas das suas particularidades que serão expostas ao longo desta dissertação, por exemplo: a interação verbal, a evolução da língua, compreensão e significação, esses aspectos estão estreitamente vinculadas ao problema central desta pesquisa.

Após esta explanação e movimento, a terceira e última parte de *Marxismo* faz um estudo sobre a natureza social da enunciação. Para isso, o autor diz que é indispensável mostrar a importância desse estudo, tanto para o plano geral desta pesquisa, quanto para a filosofia da linguagem. A idéia a ser explicada é a seguinte: De que modo, após as críticas colocadas no início de *Marxismo*, é feita a aplicação

de uma forma que se possa entender à natureza concreta da linguagem? Esta questão aparentemente complexa tem como objetivo mostrar que a língua só pode surgir mediante ao contexto no qual se está inserida e que a sua história desempenha um papel fundamental neste contexto de debate. Dentre os inúmeros assuntos tratados, nesta terceira parte da obra, será focado apenas um: o discurso direto, indireto e suas variantes. Nesta parte, veremos que um discurso surge quando há forças opostas básicas na interação verbal e que depende da forma como se opera os valores sociais, pois é de suma importância a maneira como se articula as ideologias circundantes em determinados contextos históricos. As considerações finais desta dissertação serão realizadas após o fechamento do debate.

1.1 SOBRE A QUESTÃO DA AUTORIA DO LIVRO MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Este debate iniciou se em 1970 e envolve três obras, *Freudismo: um esboço crítico*, *Marxismo e filosofia da linguagem* e *O método formal nos estudos literários*. Originalmente, os dois primeiros textos foram publicados sob o nome de Valentin N. Voloshinov e o terceiro sob o nome de Pavel N, Medievediev. Um ponto que merece ser esclarecido, ainda que de maneira breve, se refere à questão da autoria.

A princípio, o leitor desta dissertação poderá se perguntar: “e Bakhtin?” Onde se insere sua autoria?

Certamente, estes três textos são frutos de debates e disputas autorais intermináveis. No entanto, o que faremos aqui será um pequeno panorama acerca da polêmica, tendo como foco esclarecer o leitor sem nos alongar nesta questão.

Simon Dentith conta que o linguista russo Vyacheslav Ivanov apropriou-se dos textos, (*Freudismo: um esboço crítico*, *Marxismo e filosofia da linguagem* e *O método formal nos estudos literários*) e de outros artigos datados por Bakhtin na

década de 20. As provas sobre a autoria dos textos até hoje são obscuras e inexistentes, portanto a afirmação de Ivanov é questionável¹⁰.

Tal afirmação não é aceita por alguns estudiosos, no entanto, existe uma corrente que prefere utilizar outra denominação surgida após inúmeras pesquisas, cujo objetivo é identificar as semelhanças entre os textos disputados e as obras de Bakhtin. Neste sentido, usa-se a seguinte denominação, *Círculo de Bakhtin*. É o caso do italiano Augusto Ponzio¹¹, em diversos artigos sobre o autor russo ele tenta preservar os nomes de Voloshinov, Medvediev e Bakhtin, pois carrega a hipótese de que estes três textos foram escritos por várias mãos.

Apesar desta polêmica não ter sido resolvida até os dias de hoje, as obras publicadas originalmente com os nomes de Voloshinov e Medvediev caracterizam-se por uma aproximação marxista muito sofisticada acerca dos estudos da linguagem, cujo objetivo é o aprofundamento e a revisão crítica de algumas concepções sobre linguagem, conhecimento, psicologia, e formalismo, enquanto as obras de Bakhtin caracterizam-se inicialmente por um período fenomenológico e de estudos histórico-literários.

O que se sabe é que em seu nome, Bakhtin publicou em 1919 o ensaio *Arte e responsabilidade*, em 1929 o livro *Problemas da poética em Dostoiévski* e o ensaio *Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. **Para** estas obras acrescentam-se os textos escritos entre os anos 1920 e 1960-70 publicados e reunidos postumamente em uma obra intitulada de *Estética da criação verbal*¹².

¹⁰Na introdução da edição brasileira do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, Marina Yaguelo apresenta um estranho argumento e afirma que a autoria do livro é de Bakhtin. A autora questiona o fato. Por que Bakhtin não publicara os textos em seu nome? Marina Yaguelo responde a questão colocada e apresenta os motivos pelos quais Bakhtin aceitara a publicação das respectivas obras sob o nome de Voloshinov. Segundo a autora, Bakhtin teria se recusado a realizar as modificações impostas pelo editor, e preferiu não publicar a ter que modificar sua obra. Voloshinov e Medvediev se colocaram a disposição para realizar as alterações. É devido a este fato que Marina Yaguelo acredita que o texto é de Bakhtin, mas, algumas partes se devem a Voloshinov. Cf. Marina Yaguelo, *Bakhtin, o homem e seu duplo*. In: *Introdução de Marxismo e filosofia da linguagem*.

¹¹Augusto Ponzio. *O pensamento dialógico de Bakhtin e de seu círculo como inclassificável*. In: Luciane de Paula e Grenissa Stafuzza. *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*.

¹² Augusto Ponzio. *O pensamento dialógico de Bakhtin e de seu círculo como inclassificável*. In: Luciane de Paula e Grenissa Stafuzza. *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*.

Bakhtin teve tempo o suficiente para afirmar a autoria das três obras disputadas, mas quando foi indagado sobre a questão, permaneceu em silêncio¹³ e as razões deste silêncio são desconhecidas. Com este pequeno panorama sobre a polêmica dos textos, a questão inevitável é: Por que somente após cinquenta anos de silêncio Ivanov fez esta afirmação?

A afirmação de Ivanov trouxe apenas inúmeras confusões e debates infrutíferos para uma disputa autoral que não foi concluída. Entende-se que essa polêmica contribuiu para a criação de um Bakhtin multidisciplinar e que esta construção ignora completamente a existência de Voloshinov e Medievediev, mas, no entanto, ambos escreveram obras de envergadura, além de diversos artigos que contribuíram efetivamente para o debate intelectual do contexto soviético nos anos 20, anteciparam muitas afirmações de temas contemporâneos, em específico sobre a linguagem. Neste sentido, não podemos crer que Voloshinov e Medievediev foram apenas outras pessoas que povoaram os “textos de Bakhtin”.

Seguidores dos argumentos de Ivanov parecem ter influenciado o rumo dos críticos brasileiros, pois muitos citam as obras de Voloshinov e de Medievediev como se fossem de Bakhtin, ou então mencionam os dois autores como apenas meros colaboradores sem nenhuma justificativa. É o caso, por exemplo, de Henriques, que em seu artigo “*As raízes marxistas de Bakhtin*”, faz um panorama geral da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, mencionando o contexto histórico e as influências marxistas deste! Ora, sabemos que em suas obras Bakhtin não fez nenhuma menção ao marxismo. Seus estudos estão voltados inicialmente para a reflexão fenomenológica, estética, ética e histórica literária.

Além disso, se tornou comum nas edições brasileiras as “obras de Bakhtin”, divididas em quatro períodos. Por esta e outras razões, Voloshinov e Medievediev tornaram-se autores *outsiders*. O que há por traz deste jogo? Com que base (após a afirmação de Ivanov) os demais críticos atribuem a Bakhtin obras completamente díspares? Que direção seguir neste limbo?

¹³ Simon Dentith. *Bakhtinian Thought: An introductory reader*. p. 08

Para Carlos Alberto Faraco¹⁴ a questão levantada por Ivanov só trouxe confusão entre os estudiosos de “Bakhtin” e este debate acabou por se configurar em três direções:

- A) A primeira é a daqueles que respeitam as autorias das edições originais e, por conseqüência, só reconhecem como autoria do próprio Bakhtin os textos publicados sob seu nome ou encontrados em seus arquivos;
- B) A segunda direção é a daqueles que atribuem a Bakhtin todos os textos disputados;
- C) Há, por fim, uma solução de compromisso que os dois nomes na autoria. Assim, *Freudismo*, e *Marxismo e filosofia da linguagem* são atribuídos a Bakhtin/ Voloshinov; e *O método formal nos estudos literários*, a Bakhtin/ Medvedev¹⁵.

Diante desta polêmica, adotaremos a primeira direção. O importante nesta pesquisa é não perder de foco das análises contidas em *Marxismo* e suas novidades trazidas e colocadas no âmbito de debate acerca da filosofia da linguagem e o marxismo soviético.

Roteiro da dissertação

Neste contexto amplamente exposto, o objetivo será identificar a articulação de temas que dá unidade ao texto *Marxismo e filosofia da linguagem*, além de se propor, a partir de uma leitura preliminar, uma interpretação ao tema proposto e a relação entre linguagem e ideologia.

Deste modo, o roteiro estabelecido para esta dissertação será dividido da seguinte forma: o primeiro capítulo pretende analisar o núcleo das posições de *Marxismo e filosofia da linguagem* sobre o signo ideológico e a palavra, para em seguida expor o debate travado com os três adversários: o debate com a ortodoxia marxista, com o neokantiano Ernst Cassirer e a crítica de *Marxismo* a este autor. Por fim, a reflexão sobre a linguagem em Saussure.

¹⁴ Carlos Alberto Faraco, *As idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*.

¹⁵ *Ibidem*, p.12.

Ao identificar o conjunto de notas críticas e suas articulações, o segundo capítulo tentará identificar de que maneira se constrói o projeto de uma filosofia da linguagem marxista. A natureza real dos fenômenos linguísticos é um problema de fundamental importância para a filosofia da linguagem que o autor tenta resolver, além de analisar a questão da significação, da ideologia e o problema da consciência subjetiva. O objetivo será articular de que forma este segundo capítulo encontra-se envolvido com as exposições do núcleo central de *Marxismo*. Por último, no terceiro capítulo denominado de "*Natureza social da enunciação*" será apresentado como é aplicado o método sociológico e o movimento realizado em *Marxismo*. O discurso direto e discurso indireto serão exemplificados como prioridade. Após este movimento faremos as considerações finais.

**I. O NÚCLEO DA CONCEPÇÃO DE MARXISMO E O EMBATE
COM SEUS ADVERSÁRIOS**

1.1. Introdução ao núcleo temático de *Marxismo e filosofia da linguagem*

Linguagem, consciência, signo, ideologia e palavra são temas com os quais a investigação filosófica da linguagem de *Marxismo e filosofia da linguagem* basicamente se depara. Mais do que isso, esta obra desperta grande interesse sobre o debate filosófico desde sua época de publicação. O lugar que ela ocupa se deve, por um lado, a novidade e proposta de debate que coloca em contexto soviético, e por outro lado, a crítica a determinadas concepções de linguagem muito enraizadas sobre o conhecimento e a linguagem. Dessa forma o debate sobre as concepções de linguagem impõe uma revisão crítica de posições e temas centrais da tradição filosófica ocidental que foram iniciadas em grande parte por Platão e Aristóteles.

Contudo, *Marxismo e filosofia da linguagem* é um texto composto por uma grande quantidade de temas que tem por objetivo unificar-se em torno da linguagem. À primeira vista, a leitura deste texto, que raramente concede ao leitor sua estrutura, parece inicialmente não ter sentido, mas estes vários temas que compõem a obra se mostram como estratégias de embate e abertura de debates compostos pelo autor.

Este curioso debate elaborado na primeira parte de *Marxismo* tem como objetivo direcionar o início de um embate com três adversários: a ortodoxia marxista, o neokantiano Ernst Cassirer e o objetivista Ferdinand de Saussure. Convém explicitar que a obra não se propõe a debater somente estes três adversários, pois possui uma imensa gama de debates sobre os quais seria necessário um novo estudo para analisá-los. Por exemplo, ao debater sobre a ortodoxia marxista o autor não esclarece quem são os autores que participam, deixando apenas suposições.

Apesar desta suposta gama de temas que se apresenta ao leitor como uma perda de rumo ou de sentido, a dificuldade de entendimento é decorrente da forma como autor expõe o contexto de debate na obra. As várias referências apresentadas e criticadas na obra têm como objetivo mostrar que existe uma forte relação entre linguagem e sociedade, mais do que isso, *Marxismo* expõe uma interessante concepção, onde todo signo (que são objetos naturais) é ideológico e a ideologia é reflexo das estruturas sociais e a sua modificação encadeia uma alteração da

língua¹⁶. Ora, qual a inovação colocada em seu contexto soviético? A evolução da língua obedece a uma dinâmica social e é neste sentido que surge outra novidade: a compreensão da linguagem como um fenômeno ideológico.

A noção do signo ideológico, a evolução da língua dada na história e a crítica a noção de estrutura é o que leva o autor de *marxismo* a atacar a concepção de linguagem de Saussure. Para o autor russo a língua é concebida como um sistema de normas e independente de significações ideológicas. A chave de leitura para o embate sobre este tema é a própria dialética, porque ela pode resolver as contradições aparentes entre unidade, e a pluralidade de significação. As concepções de linguagem de Saussure, segundo o autor de *marxismo*, estancam o dinamismo vivo da língua e soam como um pensamento autoritário como tal. O signo, na concepção de *marxismo*, é a significação que se dá aos objetos do mundo e é por natureza vivo, móvel e plurivalente. A classe dominante tem interesse em torná-lo monovalente. Esta trata-se de uma leitura profundamente política acerca da linguagem e mostra a originalidade da abordagem deste autor a respeito da temática.

Tendo em vista estes elementos preliminares, quais são os traços que delimitam o signo e sua criação ideológica? Como identificá-los no conjunto de textos de *Marxismo*? Estas considerações, ainda que prévias, passam por alguns pontos precisos do texto de *Marxismo* e elas apontam as seguintes possibilidades de respostas: a linguagem, o signo e a palavra são os elementos cernes para o entendimento da recusa de muitos temas. A articulação destes três assuntos define o núcleo de debate que marca a primeira parte deste texto, suas concepções são profundamente analisadas e revisadas. Neste sentido, o marxismo seria um instrumento metodológico e teria como função dar conta da complexidade que envolve a linguagem.

Deste modo, este primeiro capítulo terá dois movimentos básicos: o primeiro aponta, em específico, a questão da linguagem, o signo ideológico e a palavra. Estes elementos constituem o eixo central que servirá de indicador para o

¹⁶ Marina Yaguêlo. *Bakhtin: o homem e seu duplo*, p.15

entendimento acerca dos debates travados em *Marxismo*. O segundo capítulo apresentará a direção a qual se articula e elabora as concepções de *Marxismo*. Neste contexto, o segundo movimento mostra-se como desdobramento ao primeiro, pois ocorre o debate com os seguintes adversários: ortodoxia marxista, Ernst Cassirer e Saussure.

1.1.1. O contexto da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*

Nas primeiras páginas de *Marxismo e filosofia da linguagem* é possível perceber uma curiosa constatação e um ponto de partida ousado sobre o marxismo de seu tempo:

Não existe, atualmente, uma única análise marxista no domínio da filosofia da linguagem. Nem há nos trabalhos marxistas relativos a outras questões, próximas daquela da linguagem, alguma formulação, a respeito desta, que seja um pouco precisa e desenvolvida. Portanto, a problemática de nosso trabalho, que desbrava, de certa forma, um terreno ainda virgem, só pode, evidentemente, situar num nível bastante modesto¹⁷.

Após verificar esta curiosa constatação, o objetivo deste projeto é apontar os problemas da filosofia da linguagem para o marxismo e uma série de convergências destes estudos para a *concepção marxista de linguagem*. Segundo o autor, o marxismo ainda não penetrou nesses domínios. E ao reconhecer o duro caminho que tem de percorrer, algumas questões lhe são norteadoras para a compreensão de seu estudo, tais como: No que consiste o objeto da filosofia da linguagem? Onde podemos encontrar tal objeto? Qual é a sua natureza concreta? Que metodologia adotar para estudá-lo¹⁸?

Além disso, o marxismo ainda não penetrou nestes domínios, parece-nos que não fica claro quem são os autores do marxismo ao qual o autor se dirige. Esta questão fica mencionada de maneira genérica, isso nos leva a sugerir que o autor

¹⁷ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p. 25.

¹⁸ *Ibidem* .p.71

está preocupado com a temática que se propõe a estudar e não com os autores que estudam a mesma.

Partindo dessas premissas, *Marxismo e filosofia da linguagem* se apresentam como um vigoroso projeto de debate filosófico, contrapondo-se de modo explícito às filosofias de natureza psicológica que situam a ideologia na consciência. Em uma perspectiva mais ampla, o texto propõe mostrar que as naturezas ideológicas dos fenômenos linguísticos podem ser compreendidas pela ótica do materialismo dialético, que dá base ao marxismo, na qual a realidade se caracteriza por um movimento incessante, contraditório e que é preciso verificar.

É justamente esta atual inexistência de uma descrição da realidade específica dos fenômenos ideológicos, na literatura marxista, que tornou a tarefa complexa. E é neste sentido, após uma longa exposição sobre os problemas da linguagem, que colocaremos detalhadamente adiante algumas orientações de base que foram elaboradas pelo autor e que servirão como guia metodológico:

1. A língua como sistema estável de forma normativamente idênticas é apenas uma *abstração científica* que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos particulares*. Esta abstração não dá conta de maneira adequada da *realidade concreta da língua*.
2. A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*.
3. As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente *leis sociológicas*.
4. A criatividade da língua não coincide com a criatividade artística nem qualquer outra forma de criatividade ideológicas específica. Mas ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam*. A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se “uma necessidade de funcionamento livre”, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.
5. A estrutura da *enunciação é uma estrutura puramente social*. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo “individual”) é uma *contradictio in adjecto*.

Onde se situam as cinco proposições? Onde encontrá-las? Em *marxismo*, o momento ao qual se estabelece este debate se situa no segundo capítulo sobre Humboldt e o que se coloca é sobre a consciência e o psicologismo. Nestas

proposições podemos encontrar a crítica sobre a linguagem e qual é o núcleo que está sendo criticado, tais como: a noção de consciência, algumas questões sobre psicologismo, e principalmente, a falta de compreensão da linguagem fora de seu contexto histórico social. Importante salientar o aspecto social que vemos nestas cinco proposições. Note-se que a linguagem é um produto eminentemente social e a linguagem não pode ser um produto fruto da psicologia, pois cairia em uma abstração científica de difícil compreensão. Isso não quer dizer que o autor recuse totalmente a psicologia, mas propõe uma nova leitura sobre este campo de atuação, enfocando o aspecto social como determinante da consciência.

Elaboradas após um longo debate travado no interior da obra, estas cinco orientações de base são consideradas de suma importância, por isso foram inseridas no início desta dissertação. Nelas se encontram o núcleo da concepção e crítica de linguagem de *Marxismo*. Importante salientar que o marxismo não é utilizado como uma teoria capaz de dar conta de todos os problemas referentes à linguagem, mas sim como um guia em que os adversários são analisados cuidadosamente. Estas cinco regras metodológicas funcionam como uma espécie de parâmetro de análise a partir dos seguintes problemas:

Na maioria dos casos, esses problemas são percebidos como manifestações de consciência, isto é, como fenômenos de natureza psicológica. Uma tal concepção constitui um grande obstáculo ao estudo correto dos aspectos específicos dos fenômenos ideológicos, os quais não podem, de forma alguma, ser reduzidos às particularidades da consciência e do psiquismo. Por isso, o papel da língua, como realidade material específica da criação ideológica, não pode ser justamente apreciado¹⁹.

Este é o ponto a se entender. Na maior parte, os problemas identificados relacionados a linguagem estão envolvidos na questão da consciência e entender o papel da língua como realidade material dotada de significações ideológicas ajuda a combater esta postura que reduz a maioria dos problemas ao psiquismo. Devido a estas questões mencionadas na citação acima, um dos objetivos contidos em *Marxismo e filosofia da linguagem* é compreender exatamente a dificuldade de

¹⁹ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.25

conceber a realidade da língua como manifestação da consciência, ou então, simplesmente entendê-la de forma histórica.

Tais reflexões aprofundadas em *Marxismo e filosofia da linguagem* não se restringem apenas a uma análise marxista sobre os problemas básicos da filosofia da linguagem. Podemos notar que neste contexto em que se situam a primeira e a segunda passagem, encontram-se o núcleo de sua linha argumentativa situada em dois momentos. O primeiro deve-se ao fato da ausência de estudos marxistas relativos à linguagem, o segundo se refere aos problemas freqüentemente encontrados nos estudos sobre a filosofia da linguagem a respeito da consciência.

Neste sentido, a obra *marxismo* parece estar plenamente assentada no debate da conjuntura política soviética. Levava os intelectuais a se envolverem na construção de formulações teóricas de inspiração marxista que pudessem contrapor aos quadros teóricos tradicionais, especialmente os que se referem às ciências sociais.

Segundo Tchougounnikov, quando o autor de marxismo se debruça para estudar a questão da ideologia, ele percorre o caminho tradicional com o objetivo de estabelecer as leis de seu desenvolvimento na consciência humana, se comportando de forma diferente da maioria dos teóricos do marxismo de seu tempo (V. Lênin, G. Plekhanov e N. Buhrin) que se propuseram a apresentar o mecanismo da gênese da ideologia concebido como fenômeno da superestrutura e ainda definir suas relações com a consciência. Marxismo faz o mesmo caminho tentando aliar as bases ideológicas de seu estudo à filosofia da linguagem. Ora, de que maneira esta construção é feita?

Ao estabelecer esta ausência de estudos marxistas relativo ao tema, o mesmo entra de vez no debate e é neste sentido que avançam suas críticas, tanto no que dizem respeito às formulações do chamado marxismo vulgar²⁰, quanto

²⁰Este tema é muito bem exposto por Bernard-Donals "the problematic relationship between Bakhtin and historical materialism has several aspects. For Bakhtin (in the Marxists writings) the "economic base" is said to play a part in the conditions of interaction human, and yet those economic base are assumed (or ignored), and are not significantly factored into the equation of human perception. Moreover, ideology for Bakhtin is subtly different from ideology for more orthodox historical materialists. For Bakhtin, ideology is determined and determining, for historical materialism, ideology stems from the real conditions of production, and so is determined in the last instance by the economy.

àquelas que buscam resolver problemas por meio de tentativas de conciliar de maneira incipiente o marxismo, por exemplo, com outras ciências muito comuns na União Soviética.

Até esse momento, parece não haver nada entre o marxismo e a linguagem, A este respeito, a crítica contida veementemente no prólogo de *Marxismo e filosofia da linguagem*, acerca dos domínios da ciência, diz que eles se encontram atualmente dominados pela categoria da causalidade mecanicista. Para o autor, ainda persiste uma concepção positivista do empirismo que não se inclina diante do fato entendido não dialeticamente, mas como algo intangível e imutável. Neste sentido, “o espírito filosófico do marxismo ainda não penetrou nesses domínios²¹” e é necessário que se faça uma construção de uma filosofia da linguagem de fundamento marxista que venha a contrapor a estas interpretações.

Ao formular estas críticas e colocar desde o início sua proposta, o marxismo compromete-se com duas linhas argumentativas, a primeira diz respeito ao compromisso com a cientificidade do discurso, pois ao tentar aliar as bases ideológicas de seu estudo com a filosofia da linguagem, o autor compreenderá que a linguagem é uma parte do ramo dos estudos das ciências das ideologias e encontra-se plenamente em debate, construindo teorias de natureza científica para enfrentar os problemas adquiridos (atitude muito comum no marxismo da época). A segunda, diz respeito a uma cobrança de rigor metodológico de qualquer proposta que se apresentasse como inspiração marxista. As propostas que não respeitassem a linha marxista em suas premissas de base, (o materialismo, o caráter social e histórico de todas as questões humanas), estavam incompatíveis com esta linha argumentativa.

Finally, Marxism claims scientificity, in that it is able, by the way of theory, to dislocate and decenter ideological formations and artefacts in such a way as to disclose the real object of the knowledge (that is, the operation of the material conditions of production). Yet Bakhtin clearly places places the purview of science inside the study of ideologies, implying that the scientific object of knowledge (material conditions of production) are likewise always affected - even in their theoretical "disclosure" - by ideological considerations (that is, anomalies and the play or dialogization of language).

Torna-se interessante ler também a obra de Michael Lowy que versa sobre o mesmo tema, guardada, evidentemente algumas diferenças. Cf. in. *Walter Benjamim: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*.

²¹ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.25

Ao reconhecer no início do livro o duro caminho que tem a percorrer, o texto de marxismo deixa claro que sua problemática caminha evidentemente sobre um terreno ainda virgem. É por isso que são elaboradas cinco proposições como orientações de base para que suas reflexões sejam capazes de abordar os problemas concretos da lingüística.

É neste sentido que os estudos da linguagem são importantes, uma vez que “as bases de uma teoria marxista da criação ideológica e as dos estudos sobre o conhecimento científico, literatura, religião, moral, etc., estão estreitamente ligados aos problemas da linguagem²²”.

Ao criticar a concepção positivista do empirismo por não se inclinar diante do fato entendido não dialeticamente e sim como algo intangível e imutável, o autor exemplifica que:

(...) foi-nos quase totalmente impossível encontrar apoio em resultados precisos e positivos que tivessem sido obtidos pelas outras ciências que se relacionam com a ideologia. Mesmo a crítica literária, que, graças a Plekhanov, é, todavia, a mais desenvolvida dessas ciências, nada pode oferecer e útil a nosso objeto²³.

A suposição de que outras ciências que se relacionam com a ideologia nada podem oferecer de útil para a elaboração de uma filosofia da linguagem se deve ao fato destas interpretações errôneas com as pretensões científicas do marxismo. Neste sentido, é evidente que seus esforços se concentram no sentido de contribuir para uma problemática marxista, colocando a linguagem para ser analisada como um novo objeto de estudo.

Esta dimensão inovadora e ao mesmo tempo ousada tem como pressuposto geral compreender a importância dos problemas da filosofia da linguagem para o marxismo em seu conjunto e indicar que tais problemas situam-se num ponto de convergência em uma série de domínios essenciais para a concepção marxista de linguagem.

²² *Ibidem* p.31

²³ *Ibidem*. p.26

Esta importância, de relacionar as ciências das ideologias juntamente com a ideologia pouco tem sido apreciada, segundo o autor:

Convém acrescentar que, nesses últimos anos, os problemas fundamentais da filosofia da linguagem adquiriram uma acuidade e uma importância excepcionais. Pode-se dizer que a filosofia burguesa contemporânea está se desenvolvendo sob o signo da palavra. E essa nova orientação do pensamento filosófico do ocidente está ainda nos seus primeiros passos. A “palavra” e sua situação no sistema são a parada de luta inflamada somente comparável aquela que, na Idade Média, opôs realistas, nominalistas e conceitualistas. Na realidade, no realismo dos fenomenólogos e no conceitualismo dos neokantianos, assistimos, numa certa medida, a um renascimento da tradição das escolas filosóficas medievais²⁴.

Essa constatação, de assistir numa certa medida o renascimento da tradição das escolas filosóficas medievais por meio da filosofia burguesa, mostra em certa medida que “a palavra e sua situação no sistema são a parada de luta inflamada que opôs diversas escolas filosóficas na idade média”. Essa nova “orientação do pensamento filosófico do ocidente que ainda encontra-se nos seus primeiros passos” é o objeto de análise crítica em *Marxismo e filosofia da linguagem*.

1.1.2. A linguagem, o signo ideológico e a palavra: breves considerações.

Sem dúvida, a obra *Marxismo e filosofia da linguagem* contribui de maneira significativa para uma nova abordagem sobre a linguagem. Sua colaboração é evidente para o contexto no qual se propõe discutir. De maneira geral, a linguagem é concebida como um fato histórico social e político e o seu projeto é de construir uma filosofia marxista da linguagem. Denominado de filosofia do signo ideológico, o marxismo consiste fundamentalmente em mostrar que as esferas históricas, política e social estão inteiramente interligadas. Cabe ressaltar que esta não é a novidade colocada pelo autor, pois a linguagem em *Marxismo* será entendida como uma atividade humana que consiste fundamentalmente em estudar os fatos concretos da

²⁴ *Ibidem*.

linguagem por meio do método sociológico, não se preocupando apenas com o funcionamento teórico da língua.

É deste modo que se constrói a inovação e sua filosofia da linguagem, por meio de uma revisão crítica no que diz respeito à maneira de abordar a linguagem, já que seu estudo está intrinsecamente relacionado com as práticas político-sociais em vigência na União Soviética, bem como os entraves teóricos (Ernst Cassirer, Ferdinand de Saussure) com as quais este autor se depara. Este fato nos permite, ainda que de maneira incipiente, concluir que a língua surge como uma atividade humana que está intimamente relacionada com a política histórica e social.

Para entendermos esta afirmação anterior é necessário buscar um elemento importante em *Marxismo e filosofia da linguagem*: o signo. Primeiramente, considera-se o signo como objetos naturais, específicos, e que todo produto natural e tecnológico pode se tornar signo e adquirir um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como uma realidade, ele reflete e refrata uma outra, este processo de referenciação é considerado como duas operações simultâneas que são as de refletir e refratar o mundo. Com os signos, pode-se apontar para uma realidade que lhe é externa. Refratar, por sua vez, é entendido como um processo de significação que ultrapassa o próprio objeto em si. Neste sentido, a função do signo é absorver os significados que lhes são dados mediante a linguagem.

Para entendermos melhor, vejamos como surge um signo:

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas dos signos são condicionadas tanto pela organização social de indivíduos como pelas condições em que a interação acontece²⁵

Note-se que pela citação, o signo recebe significados de forma compartilhada e múltipla. Cada indivíduo pode significar alguma coisa através das palavras que são tomadas da comunidade linguística e que a elas são devolvidas. O significado nasce da interação verbal entre os indivíduos e assim ocorre a criação e o uso dos signos. Como dito anteriormente, o signo possui duas características: a) é dado no mundo

²⁵ *Ibidem*. 45

material, b) os signos não se confundem no mundo material. Ora, e qual a função do signo? E como ele se converte em signo ideológico?

A resposta do texto é a seguinte:

Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. *Sem signos não existe ideologia*. Um corpo físico vale por si próprio, não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia²⁶.

Podemos retirar desta citação um ponto em questão. Se tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo, onde se situa exatamente a ideologia? Nos objetos matérias? Na significação das palavras? E mais, de que maneira ocorre exatamente este processo de significação?

A ideologia trata-se, portanto, de um elemento fundamental em *Marxismo* e é uma criação dotada de materialidade que engloba o universo da arte, da ciência, da filosofia, do direito, da religião, da ética e da política, e todas as manifestações superestruturais. Ela surge também de diversas formas para designar a pluralidade das esferas da produção imaterial. Por exemplo: o estudo da literatura é um ramo dos estudos das ideologias, assim como todas as áreas da criação humana citadas anteriormente. Assim sendo, ideologia em *Marxismo e filosofia da linguagem* pode ser interpretada como a criação e a significação que são dadas aos objetos em si. Deste modo, o signo tem como função absorver esta significação, e este processo de descrição do signo ideológico pode ser entendido por meio do exemplo descrito do deus romano Janus.

Para o autor, todo signo ideológico vivo tem como Janus, duas faces, ou seja, toda crítica viva pode-se tornar elogio, e toda verdade pode parecer como uma das maiores mentiras. Isto ocorre porque Janus tinha duas faces, uma olhando para frente e outra olhando para trás. Esta dialética interna do signo ideológico talvez seja a grande diferença posta em seu contexto soviético e ao fazer esta peculiar leitura, o autor coloca de maneira significativa a seguinte tese: não é possível significar sem

²⁶ *Ibidem*. p.31

refratar. Isto porque as significações não estão dadas no signo em si, nem estão garantidas por um sistema único, ao contrário, são construídas pelas diferentes experiências dos grupos sociais, com inúmeras contradições de confrontos e interesses sociais numa mesma comunidade semiótica, ou seja, na luta de classes.

É notável que se este processo de refração pode levar as significações que ultrapassem suas existências e se está no âmbito de uma linguagem que reflete e refrata como marxismo pode falar de um real neste contexto? Este problema levantado parece ser um dos maiores desafios a ser respondido no interior da obra. Para se entender de maneira completa este processo de conversão de significação do signo em ideologia é necessário expor a palavra como um elemento complementar. Talvez esta responda a questão levantada anteriormente.

Semelhante ao signo, a palavra ocupa um lugar especial em *Marxismo*. Para o autor, ela é o fenômeno ideológico por excelência. No entanto, é preciso salientar de que forma e como é o processo de significação pela palavra, pois tratar do significado é também tratar da ideologia.

Sendo a palavra o signo ideológico por excelência, o que ocorre com a palavra para ter significação? Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, a ideologia possui um papel importante, pois a palavra “não comporta nada que não esteja ligado a essa função e que não tenha sido gerado por ela, pois é o modo mais puro e sensível de relação social²⁷”, ou seja, a palavra está sempre carregada de um conteúdo e de um sentido ideológico ou vivencial. A palavra enquanto materialidade pode ser transformada em signo através de suas significações que os indivíduos dão aos objetos. É na palavra que melhor se revelam as formas básicas, ou seja, as formas gerais da comunicação semiótica. Mas a palavra não é só o signo puro, é mais indicativo, ela é também um signo neutro. “Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica”.

Este processo é explicado da seguinte forma:

Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros

²⁷ *Ibidem*.p.36

domínios. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer espécie de função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa²⁸.

Ao mencionar a questão da palavra, Clark e Holquist argumentam que, ao conceber as palavras como se ninguém nunca as falasse, os lingüistas haviam convertido os signos dialógicos em signos monológicos. No entanto, cada palavra é nada mais nada menos que uma pequena arena onde ocorre o embate e o cruzamento de valores sociais. Uma palavra na boca do indivíduo é um produto dessa interação viva das forças sociais²⁹.

Outro elemento importante acerca da palavra não é que ela seja um sinal estável e sempre auto-equivalente, mas um signo adaptável e sempre mutável.

Para Clark e Holquist:

A capacidade de usar a linguagem não é definida pelo domínio adquirido sobre o gênero de conhecimento formado por regras sintáticas, listas de palavras ou normas gramaticais tão amada pelos lingüistas. O domínio da linguagem consiste, antes, em estar habilitado a aplicar tais feições fixas a situações fluidas, ou, em outros termos, em conhecer não as regras mas o uso da linguagem. Do ponto de vista do falante, e não do gramático, o centro de gravidade da linguagem.³⁰

A crítica de *marxismo* feita aos lingüistas e principalmente a Saussure, na citação acima, é que as palavras isoladas constituem a linguagem estudada pelos lingüistas e que as sociais são concebidas. Segundo Clark e Holquist, o poder conceitual de sistemas, tais como o objetivismo abstrato (como veremos adiante) é limitado, pois há um grande erro nestes sistemas no que se refere à concentração

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ Ao colocar a palavra como interação viva, onde ocorre o confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja, a luta de classes. Basta lembrar de Marx e Engels (2007) em *O Manifesto Comunista*, “a história de todas as sociedades que já existiram é a história de luta de classes (p.9). Ou seja, há uma denúncia de Marx e Engels ao fazer tal afirmação, pois a História começa com a luta de classes e não com a escrita, como pensa a ideologia dominante e burguesa. A palavra se configura se em movimento incessante, transforma-se em dialética e não em campos harmônicos monológicos. Esta é a opção assumida em *marxismo* para combater o modelo de linguagem Saussuriana que concebe a língua como um campo harmônico. Este processo social confronto de interesses sociais não existe, por exemplo, em Ferdinand de Saussure e nem em Cassirer.

³⁰ Katerina Clark e Michael Holquist. *Mikhail Bakhtin*.p.234

em palavras fora de contextos em que foram utilizadas. A denúncia que o autor faz é que os linguistas têm comprado esta ideia com “seus nítidos paradigmas e definições dicionarizadas ao preço do que é mais importante na linguagem, isto é, a capacidade das palavras significarem³¹”. Isso determina que ao conceber a linguagem desta forma, ou seja, fora de contexto histórico, o grande erro que os lingüistas cometem é observar a linguagem viva como se não fosse linguagem.

Outro ponto importante em *Marxismo e filosofia da linguagem* é o seguinte: diz que não se pode desvincular a palavra da realidade, pois esta sempre está carregada de um sentido ideológico ou vivencial. Ou seja, somente desta forma é que compreendemos as palavras e “somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas concernentes à vida³²”. Ao recusar o tratamento que os linguistas dão à língua, o autor vai além e elucida alguns elementos tidos como ideológicos na linguagem. Em primeiro lugar, o critério de correção só se aplica à enunciação em situações anormais ou peculiares, pois o critério de correção linguística é puramente ideológico. e a língua, no seu uso prático, é inseparável do seu conteúdo ideológico relativo à vida. Ora, qual a importância desse ato ideológico e qual a relevância que este tem?

Podemos verificar que em *Marxismo e filosofia da linguagem*, a crítica que está em questão é em relação à ideologia, que não pode ser compreendido em termos ideais que explicam a origem ou o modo de existência da linguagem. Só pode ser explicado mediante a encarnação material em signos, que é o modo pelo qual se inscrevem a diversidade e as contradições históricas (por meio da refração) dos grupos sociais. Sob esta perspectiva, o autor recusa definitivamente a tese de que a ideologia pode ser uma manifestação da consciência, pois elas são fruto da interação verbal entre os indivíduos.

Cabe salientar que a partir destes elementos, o autor não recusa a concepção de interioridade amplamente recusada em grande parte dos marxistas. Para o autor, os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos, tais como: um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano não podem

³¹ *Ibidem.*

³² *Marxismo e filosofia da linguagem*. p. 99

operar sem a participação do discurso do interior. No entanto, estas manifestações *não podem ser isoladas*.

Sob estes aspectos, o núcleo central "*Marxismo e filosofia da linguagem*" é manter as bases de uma teoria marxista para retomar de forma visceral o projeto crítico, onde as contradições sejam analisadas e reformuladas sob a ótica do marxismo que serve de guia metodológico e capaz de dar conta da dinâmica e complexidade que envolve a linguagem. Esta é a única maneira de fazer com que o marxismo dê conta de todas as profundidades, problemas e sutilezas de estruturas ideológicas "iminentes". Ela consiste em partir de uma filosofia da linguagem concebida como filosofia do signo ideológico. Esse é o ponto de partida que deve ser traçado e elaborado pelo próprio marxismo.

1.1.3.A Os adversários: A ortodoxia marxista

O debate em torno da ortodoxia marxista tem sido refletido dentro do marxismo. Para isso, é necessário entender, dentro do conjunto de debate ao qual se está propondo, a definição de ortodoxia, o que a caracteriza e compreender por que esta corrente é um adversário na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*. Para isso, o fio condutor de análise será a obra: "*História de luta consciência e classe*", em específico no capítulo: *O que é o marxismo ortodoxo?* E faremos uma breve exposição sobre a temática.

Publicado em 1923, o ensaio: *O que é o marxismo ortodoxo?* está pautado em um cenário marcado pelo confronto entre concepções e práticas políticas bastante diferentes que começam a instaurar a fragmentação e a dispersão do marxismo. O cenário de Lukács é o movimento comunista agrupado na recém-fundada terceira internacional. Esta é uma cisão no interior do debate do marxismo que se inicia com diferenças no início do século XX acerca do caráter da sociedade capitalista e do sentido da revolução russa. Lukács reconhece que Lênin e Rosa Luxemburgo haviam adotado os princípios norteadores dessa corrente e, em específico, as diferenças entre a social democracia, e os marxistas ortodoxos. É neste sentido que o autor propõe, de forma complementar, determinar a importância do debate entre Lênin e Rosa Luxemburgo e explicar a essência do método utilizado

por eles, o que levaria conseqüentemente a uma maior compreensão da metodologia usada por Marx. Ora, qual a importância do método usado por Marx? Qual a relevância deste debate?

A obra *“História e consciência de classe”* não se propõe apenas a resgatar a relevância da estrutura teórica de Marx, ao contrário, o objetivo de Lukács é mostrar a importância da prática do marxismo. A experiência histórica dos acontecimentos de sua época só pode ser compreendida pela ótica materialista. E esta ótica de compreensão, serve como instrumento de conhecimento do passado, presente e futuro da sociedade capitalista. O método de Marx atualizado por Lênin e Rosa Luxemburgo constitui para Lukács a base do marxismo ortodoxo.

Neste contexto de debate, a fidelidade à ortodoxia marxista não está na pretensão em preservar a integridade estética do sistema de Marx. Do contrário, está na capacidade de destacar a essência de sua metodologia, que é “a dialética concreta e histórica”.

Nas palavras de Lukács:

“um marxista ortodoxo sério poderia rejeitar todas as teses particulares de Marx, sem, no entanto, ser obrigado, por um único instante, a renunciar à sua ortodoxia marxista. O marxismo ortodoxo, não significa, portanto, um reconhecimento sem crítica dos resultados da investigação de Marx, não significa uma “fé” numa ou noutra tese, nem a exegese de um livro sagrado. E matéria de marxismo, a ortodoxia se refere antes e exclusivamente ao método³³.”

Lukács ressalta a eficácia dessa metodologia na resolução de questões práticas, porém adverte que muitos aspectos essenciais do método de Marx caíram no completo esquecimento, dificultando a compreensão total da dialética. Um exemplo disso se refere a Hegel. A omissão da dívida de Marx para com este autor constitui graves deturpações para o marxismo da II internacional. Por exemplo, o não reconhecimento de categorias utilizadas em *“O capital”* que foram elaboradas primeiramente em *“Ciência da lógica”* constitui um dos exemplos para a falta desta maior compreensão dos textos hegelianos.

³³ G. Lukács. *História e consciência de classe*, p.34

O texto de Lukács constitui uma verdadeira mudança pelo critério de avaliação, eficácia e pertinência dentro do debate do marxismo. Neste contexto de debate, o marxismo ortodoxo estaria vinculado a dar conta de três importantes aspectos: a) o mundo atual, b) a história do marxismo, c) sua coerência lógica e histórica. Lukács afirma que estes elementos são cernes para dar conta dos acontecimentos históricos. Exalta a pertinência dos escritos de Lênin e Rosa Luxemburgo que contribuíram para o aprofundamento do debate, porém adverte que estes escritos estão carregados de práticas demasiadas, esquecendo-se dos três aspectos fundamentais explicitados anteriormente.

Para Sacristán que debate estas questões com maior profundidade em seu artigo *“sobre el marxismo ortodoxo”*, Lukács inseriu sua tese sobre o marxismo ortodoxo como dialética na filosofia idealista de tradição hegeliana em que se constituiu sua própria autonomia filosófica a respeito de seus primeiros pais, os filósofos neokantianos das ciências da cultura. O objetivo de Lukács é buscar em Marx a leitura de Hegel como um pensador revolucionário, daí a importância que é ressaltada a respeito da compreensão da ciência da lógica. Neste sentido, procura recuperar o Marx revolucionário frente ao empírico ou mero teorizador dos autores da II internacional. Este caminho reconhece que o autor foi aberto inicialmente por Lênin com objetivo de interpretar um certo Marx puramente cientificista e ignorante da dialética, típico dos autores da social democracia. Lukács leva adiante o propósito de Lênin neste ensaio, com o objetivo de deixar claro quais são as matrizes do que seria este marxismo ortodoxo.

Ora, de onde vem esta raiz da qual Lukács encontra a dialética como método fundamental para a compreensão deste marxismo? Nas páginas de seu ensaio, (*o que é o marxismo ortodoxo?*) o autor diz que a raiz destas ideias não vem primeiramente de Marx, e sim de Hegel, na tese da identidade entre sujeito e objeto. Para Hegel, segundo Lukács, o processo de conhecimento se estabelece em uma identificação do sujeito com o objeto de conhecimento que recupera no último da história a origem. Deste modo, o comunismo é para Lukács a função de aparição do proletariado, a qual se transforma ao adquirir consciência revolucionária, interfere na sociedade e cumpre uma unidade peculiar entre sujeito e objeto, se estabelece no processo de luta de classes e se recupera na unidade de sua origem.

Dada estas breves considerações convêm perguntar, em que medida pode-se caracterizar o marxismo contido na obra "*Marxismo e filosofia da linguagem*"? Seria um marxismo ortodoxo ou heterodoxo?

Como vimos anteriormente, marxistas ortodoxos não são aqueles que seguiam fielmente o legado de Marx sem colocar modificações e nem revisionismos. O marxismo ortodoxo caracteriza-se, primeiramente, pela dialética concreta e histórica. Ao refletir sobre o marxismo ortodoxo, Zizek diz que a obra de Lukács é ao mesmo tempo muito mais engajada, pois esteve refletindo sobre temas de sua época. Já os chamados marxistas heterodoxos são aqueles que tinham influência política bem menor e que contribuíram para revitalizar as inquietações radicais que se expressavam nos conceitos de Marx (entre os quais, o de ideologia), é o caso da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*. É neste sentido que esta problemática vem sendo investigada com uma postura crítica e autocrítica e veremos adiante de que forma se situa este texto que permaneceu a margem de seu contexto durante anos. É neste sentido, que cremos que *Marxismo e filosofia da linguagem* se constitui como um texto não ortodoxo, apesar de seguir a dialética como método fundamental para a compreensão dos problemas relativos à linguagem. Pois o autor estabelece um debate no segundo capítulo com autores tidos como ortodoxos, no caso de Stalin, e Lênin, entre outros. Dada estas premissas fundamentais acerca da dialética, nos convém questionar: o que caracteriza a crítica da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* acerca da ortodoxia? Quem são os autores com os quais é estabelecido o debate? E mais, qual é o ponto de embate que caracteriza o tema da ortodoxia?

Os desdobramentos do debate

Ao analisar a primeira parte do livro, notamos que o ponto que vai caracterizar o debate é a questão da ideologia. Há muitas diferenças em relação a este conceito em comparação aos demais autores, (referimos-nos a três autores em específico: (V. Lênin, G. Plekhanov e N. Buharin)). Na segunda parte da obra denominada de "*A relação entre a infraestrutura e superestrutura*" há este debate. Fica claro na obra que os teóricos marxistas, muitas vezes, não são mencionados explicitamente, no

entanto, o que o autor de *Marxismo* deixa claro é que estes marxistas asseguram que há uma ligação direta entre acontecimento nas estruturas socioeconômicas e sua superação nas superestruturas. A crítica se dirige àqueles que situavam a ideologia na consciência ou a naturalizam. É neste contexto de debate que o autor esclarece sua forma concreta e dialética, negando-a como falsa consciência invertida que oculta as contradições inerentes ao modo de produção capitalista promovida pelas forças dominantes e aplicada ao exercício legitimador do poder político na organização e reprodução do capital. De maneira geral, a crítica colocada nesta segunda parte da obra parte de uma seguinte questão: como a superestrutura determina a ideologia? Se a resposta for à causalidade e esta for entendida como a causalidade mecanicista, que tem sido entendida pela corrente positivista, esta resposta revela-se radicalmente mentirosa e contraditória aos princípios do materialismo dialético. É importante salientar que na categoria do autor de *marxismo*, há diferenças em relação ao movimento dinâmico, entre a ideologia oficial e a do cotidiano, a primeira com conteúdo e forma estáveis, a segunda, fortuita.

A ideologia oficial seria, neste caso, aquela que se empenha em propagar uma concepção de realidade através dos aparelhos ideológicos dos estados (na linguagem de Althusser). Do outro lado, há esta ideologia do cotidiano, que é constituída nos encontros casuais, fortuitos e na proximidade social com as condições de reprodução da vida. Neste contexto de debate, Miotello esclarece a questão:

“A queixa inicial era a de que a produção teórica marxista, até aquele momento, não havia colocado o problema do estudo da ideologia no lugar certo, o tinha tratado de forma mecanicista, ou seja, segundo Bakhtin e os membros de seu Círculo, os teóricos marxistas procuravam estabelecer uma ligação direta entre acontecimentos nas estruturas socioeconômicas e sua repercussão nas superestruturas ideológicas³⁴..”

O segundo capítulo de *Marxismo e filosofia da linguagem* talvez seja a chave de leitura para compreender que o ponto de embate do autor com os chamados marxistas ortodoxos de seu tempo tem a ver com esta questão em específico. É

³⁴ Valter Miotello. *Ideologia*, p.167

neste sentido que este capítulo, inclusive, é destinado a discutir a denominada relação entre a infraestrutura e as superestruturas, com reflexões e caminhos para se pensar esta questão. Para o autor, o problema desta relação pode ser esclarecido em larga escala pelo estudo do material verbal. Ora, como compreender exatamente esta questão colocada? Não resta dúvida que o debate se ancora naquilo que é de interesse prioritário para a obra "*Marxismo e filosofia da linguagem*", ou seja, saber como a realidade, que é a infraestrutura, determina o signo e como este signo reflete e refrata a realidade em transformação. Eis a modificação colocada. O autor de *Marxismo* nos mostra uma direção para pensarmos a relação entre as estruturas colocadas por Marx: por meio do signo ideológico. Pois é a partir do momento em que este objeto passa a ter significado externo à sua própria natureza que se tem o signo ideológico, que não somente reflete a realidade material, como também a refrata. É dentro desta arena de luta de classes que há uma diversidade de significações ideológicas, ou seja, é pela interação social que os signos mantêm-se vivos, trazendo com eles concepções de mundos diferentes e interesses antagônicos. Talvez estas pequenas e breves considerações nos dão pistas a entender que o que o autor quer mostrar é que existe uma diversidade de significações ideológicas dentro deste contexto, onde há apenas uma ideologia que diz respeito a oficial do estado soviético comunista. Estes elementos ajudam a compreender que o debate promovido pelo autor de *Marxismo e filosofia da linguagem*, acerca desta questão, se refere diretamente ao estado soviético de Stalin, o mesmo procurou eliminar controvérsias e aos poucos instaurou uma burocracia estatal totalitária e uma ideologia erroneamente denominada marxista que se impôs como orientação científica, produzindo resultados reducionistas e pseudocientíficos³⁵.

É neste contexto de debate que em tom de denúncia o autor diz (e parece ser um ponto claro de crítica a esta ortodoxia marxista russa), que existe uma ideologia oficial, relativamente estável e que se empenha em propagar uma única concepção de mundo. De uma perspectiva dominante, neste caso, parece que o autor se refere

³⁵ Acerca deste debate, conferir as obras: BENOIT, Hector. *Da dialética da natureza à derradeira estratégia política de Engels*. In: BOITO Jr. et al (Orgs). *A obra teórica de Marx: atualidade, problemas e interpretações*. São Paulo: Xamã, 2000.

claramente ao estado soviético. Por outro lado, há uma ideologia do cotidiano considerada como a que é constituída nos encontros casuais, fortuitos e na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida. O cotidiano e o oficial, neste contexto, vivem numa relação intensa, num jogo ideológico interminável e regido por relações sociais. Ambos vivem em constante interação.

1.2. O Cassirer na filosofia das formas simbólicas e a crítica ao autor

O segundo adversário analisado em *Marxismo* é Ernst Cassirer, em específico a obra "*Filosofia das formas simbólicas: a linguagem*". Para compreendermos a análise e a recusa a este adversário, primeiramente, será dado à importância de entender os pressupostos da escola neokantiana de Marburgo, quem são seus interlocutores, e o ponto de partida da obra *Filosofia das formas simbólicas: a revolução copernicana de Kant*. O segundo passo será a análise aos aspectos gerais sobre Cassirer e seu ponto de partida: A revolução copernicana de Kant e de que modo Cassirer transforma esta revolução, ampliando-a em estudo das formas simbólicas. Tais aspectos são de grande valia para entendermos o terceiro passo: a crítica a Cassirer.

1.2.1. O neokantismo

O neokantismo foi um movimento filosófico influenciado pela filosofia crítica de Kant. Surgiu na Alemanha a partir da segunda metade do século XIX como reação ao idealismo alemão pós-kantiano e ao positivismo. Uma das características desta escola é fazer do estudo das possibilidades do conhecimento e principalmente do conhecimento científico a base crítica de toda a investigação filosófica.

Mas é no início do século XX que o neokantismo atingiu seu ápice. Seus principais membros são: Paul Nartop, Ernest Cassirer e Hermann Cohen. Esta

escola predominou principalmente em dois países, Alemanha e Rússia. Entre os anos 1912-1920 o neokantismo foi largamente importado para a Alemanha, em particular em Marburg. Além disso, quase todas as cadeiras dos departamentos de filosofia foram ocupadas por neokantianos³⁶.

Esses filósofos reafirmaram a importância do método transcendental. Cohen, por exemplo, defendeu uma doutrina neokantiana que pode chamar-se de idealismo objetivo, segundo a qual o pensamento é semelhante ao ser e todo real é absolutamente racional. Entre os adeptos desta escola, destacam-se dois nomes: Franz Staudinger e Karl Vorlander, que tentaram fazer uma aproximação entre o neokantismo e o marxismo.

O que nos interessa saber neste momento são três aspectos: Quais são os pressupostos desta escola? De que forma o texto de *Marxismo* vê Cassirer como adversário? Qual o ponto de embate envolvente entre os autores?

Bernard-Donalds³⁷ oferece-nos uma pista interessante acerca da questão:

(...) what interested Bakhtin and his colleagues during their gatherings in the years immediately following the Revolution was Kant's concern for founding a relationship between a theory of knowledge and theory of ethics based in the *Critique of pure reason* and *The critique of practical reason*. In the first of these works, Kant shows that human understanding cannot go beyond the phenomena of sensory experience, and thus questions about transcendent objects – God, for example – will necessarily be unanswerable, and as a result there can be no rational metaphysics. In the second book, Kant's aim was remedy the problem established in the first. In order to provide Access to what were now unknowable objects by way of theoretical reason, Kant suggests that the activity of consciousness that directs humans moral life, practical reason, removes knowledge in order to make room for faith. Kant emphasizes the primacy of consciousness – the activity of mind – in the process of gaining access to phenomena. Kant insists on a necessary interaction between the mind and the world by arguing that thought is a synthesis of two sources of knowledge, namely sensibility and understanding³⁸.

³⁶ Cf. Bernard-Donalds. *Mikhail Bakhtin. Between phenomenology and marxism*. p. 18

³⁷ É importante explicar que alguns autores com os quais dialogaremos nesta dissertação atribuem os textos de Voloshinov a Bakhtin. Isso quer dizer que os textos citados, em a maior parte tomam posicionamento a favor de Bakhtin, o que não é o nosso caso no presente trabalho.

³⁸ Bernard-Donalds. *Mikhail Bakhtin. between phenomenology and marxism*. p. 18

É justamente esta questão, entre o conhecimento e o que é possível conhecer que será inicialmente explorada e ampliada pelos membros do círculo de Bakhtin e principalmente por Voloshinov durante o início dos anos 20 e que servirá como ponto de partida para pensar a arte, conhecimento, formalismo e linguagem.

1.2.2. O ponto de partida de Cassirer: A revolução copernicana de Kant

Para compreender a leitura feita em *Marxismo*, acerca dos problemas tratados em *filosofia das formas simbólicas*, torna-se importante explicar a revolução copernicana de Kant, ponto de partida de Cassirer.

Entende-se por revolução copernicana, a transformação realizada por Kant no campo da metafísica, ela foi semelhante à transformação realizada por Copérnico em sua concepção de universo. A teoria de Copérnico realizada no século XVI provoca uma verdadeira mudança no modelo tradicional geocêntrico. Na teoria de Copérnico, a terra perde seu lugar privilegiado na hierarquia do sistema e do sol. Neste sentido, o sol passa a ocupar seu lugar. Kant autodenominou o que se realizou certa revolução copernicana no campo da metafísica. O problema sobre a origem do conhecimento no século XVIII era respondido por duas principais teorias: racionalismo e empirismo.

De maneira geral, os racionalistas priorizavam a razão no processo de conhecimento e aceitavam o argumento de existência de idéias inatas, independentes da experiência. Por sua vez, os empiristas destacam o papel da experiência sensível para a aquisição do conhecimento. Neste sentido, o conhecimento depende e resulta da soma e da associação das sensações externas na percepção, ou seja, o sujeito no processo de aquisição de conhecimento desempenha uma relação passiva com o mundo. No entanto, é preciso salientar que para Kant a investigação sobre o conhecimento não deve partir dos objetos do conhecimento, mas da própria razão que produz o conhecimento.

Deste modo, a revolução copernicana de Kant ocorre da seguinte forma: assim como Copérnico colocou o sol no centro do universo, Kant faz o mesmo no campo da epistemologia ao mudar o foco de debate e colocar no centro das investigações: como se processa e como se fundamenta o conhecimento e o que é possível conhecer. Este tema é exposto assim:

Até agora se supôs que todo nosso conhecimento tinha que se regular pelos objetos, porém, todas as tentativas de mediante conceitos estabelecer algo *a priori* sobre os mesmos, através do que o nosso conhecimento seria ampliado, fracassaram sob esta pressuposição. Por isso, tente-se ver uma vez se não progredimos melhor na tarefa da metafísica admitindo que os objetos tem que se regular pelo nosso conhecimento, o que assim já concorda melhor com a requerida possibilidade de um conhecimento *a priori* dos mesmos que deve estabelecer algo sobre os objetos antes de nos serem dados. O mesmo aconteceu com os primeiros pensamentos de Copérnico que, depois das coisas não quererem andar muito bem com a explicação dos movimentos celestes admitindo-se que todo exercito de astros girava em torno do espectador, tentou ver se não seria mais bem-sucedido se deixasse o espectador mover-se e, em contrapartida, os astros em repouso. Na metafísica pode-se então tentar algo similar no que se diz respeito à *intuição* dos objetos. Se a intuição tivesse que se regular pela natureza dos objetos, não vejo como se poderia saber como algo *a priori* a respeito da última, se, porém, os objetos (*Gegenstand*) como objeto (*objekt*) dos sentidos, se regula pela natureza de nossa faculdade de intuição, posso então representar-me muito bem essa possibilidade³⁹

Kant conclui em suas investigações que não são os sujeitos que se amoldam aos objetos, ao contrário, são os objetos que se amoldam as faculdades do sujeito. A razão, neste sentido, é uma estrutura *a priori*, ou seja, anterior à experiência e independente dela. Os conteúdos são empíricos, portanto, dependem da experiência. Deste modo, nossa percepção do mundo ocorre no espaço tempo e estas são categorias *a priori*. E estas duas formas existem na consciência antes de qualquer experiência. Deste modo, o mundo é percebido segundo as características da razão humana. É por isso que se sabe como o mundo se mostra para nós, (por meio dos fenômenos), no entanto, não somos capazes de conhecer a coisa em si⁴⁰.

Cassirer radicaliza o movimento Kantiano. No entanto, é preciso salientar que a revolução copernicana realizada por Kant não é aceita em seu todo por Cassirer. Ele aponta um limite com relação à tese epistemológica que afirma que não são os sujeitos que se conformam aos objetos, mas ao contrário, são estes (os objetos) que se conformam as faculdades do entendimento e é justamente este limite que não é recusado. Para o autor, a ciência enquanto produção espontânea é apenas uma forma de objetivação em meio às outras. Deste modo, o objetivo de Cassirer é de

³⁹ Immanuel Kant. *Prefacio a segunda edição de Critica da razão pura*, p.39.

⁴⁰ Kant chamou de coisa em si as realidades que não se pode conhecer por se encontrarem fora dos limites da experiência possível, e que transcendem as possibilidades do conhecimento.

ampliar a revolução copernicana de Kant, por ver um limite em relação à esfera do conhecimento físico-matemático. Ora, de que maneira ocorre esta ampliação?

Ao adotar esta ideia crítica (de ampliação da revolução copernicana de Kant) Cassirer mostra que a ciência passa a ser compreendida como um conhecimento simbólico, assim como as outras áreas. Neste sentido, a ciência perde seu caráter universal e necessário e se coloca no mesmo patamar de outros conhecimentos simbólicos, ou seja, de outras formas simbólicas⁴¹.

Sendo assim, a filosofia de Ernst Cassirer parte da recusa Kantiana de considerar os objetos do conhecimento como dados em sua natureza para enfatizar no homem essa capacidade de criar seu próprio universo de mediações simbólicas⁴². Cassirer busca construir uma filosofia dedicada a explorar as formas simbólicas pelas quais se revestem e moldam a realidade. Dentre as principais formas simbólicas elaboradas por Cassirer, o autor de *Marxismo* critica violentamente a forma de linguagem de Casser, por que esta se apresenta como intermediário entre o homem, as coisas e desempenha um papel de representação. Em seu longo projeto das formas simbólicas a linguagem demonstra um importante papel no processo simbólico⁴³.

Uma forma de compreendermos o debate travado em *Marxismo* é trabalharmos em uma perspectiva comparativa, ou seja, em um primeiro momento

⁴¹ Para Cassirer, forma simbólica é toda energia do espírito em cuja virtude um conteúdo espiritual de significado é vinculado a um signo sensível concreto e lhe é atribuído interiormente. Neste sentido, a linguagem, o mundo mítico-religioso e a arte são formas simbólicas.

⁴² Neste sentido, cabe salientar a ampliação de Cassirer sobre a revolução copernicana de Kant “a crítica da razão transforma-se, assim, em crítica da cultura. Ela procura compreender e provar como todo conteúdo cultural, na medida em que seja algo mais do que simples conteúdo isolado, e conquanto esteja baseado em um princípio formal universal, pressupõe um ato primordial do espírito. Somente aqui a tese fundamental do idealismo encontra aqui sua confirmação plena. Enquanto a reflexão filosófica se refere e se limita apenas a análise da forma pura do conhecimento, a força da cosmovisão ingenuamente realista não pode ser desativada por completo. É possível que o objeto do conhecimento seja, de uma forma ou de outra, determinado e formado por este conhecimento e sua lei original – mas além disso, ao que parece, ele deve também existir como algo autônomo, independente desta relação com as categorias fundamentais do conhecimento. Se, porém, partirmos não do conceito geral do mundo, e sim do conceito geral da cultura, a questão assume imediatamente outro aspecto. Com efeito, o conteúdo do conceito de cultura é inseparável das formas e orientações fundamentais da atividade espiritual. Aqui o ser somente pode ser apreendido no “fazer”, ou seja, na “ação”. Ernst Cassirer. *Filosofia das formas simbólicas*, p.22

⁴³ Vladimir Fernandes. *Filosofia, ética e educação na perspectiva de Ernst Cassirer*.

expor as considerações sobre a obra de Cassirer a *Filosofia das formas simbólicas* para em seguida destacar a leitura e as considerações em *Marxismo*.

1.2.3. Crítica a Cassirer

A tese central de Cassirer contida em *Filosofia das formas simbólicas* é descrita da seguinte forma: toda relação do homem com o mundo é mediada por um sistema de signos, **segundo a argumentação de Fernandes⁴⁴. Para o autor em destaque, estes sistemas de signos⁴⁵ não são necessariamente linguísticos, eles podem ser artísticos, matemáticos e etc. No entanto, é a linguagem que é uma das formas simbólicas analisadas em *Marxismo e filosofia da linguagem* e enquanto sistema de signos ela participa de várias formas simbólicas, como por exemplo, mito, religião, ciência e etc.**

O início do embate travado em *Marxismo* envolve a questão da linguagem e a representação. Entender os pressupostos básicos a respeito da consciência e a linguagem torna-se importante para expor a leitura de *Marxismo* sobre a obra *Filosofia das formas simbólicas*. Para tanto, será necessário fazer uma pequena incursão as considerações de Cassirer e em seguida expor a crítica ao autor em questão.

Da tese de mediação, entre sujeito e objeto, colocados anteriormente no primeiro parágrafo, desprendem-se várias outras formas simbólicas. Ainda que o homem produza o mundo por meio de sua espontaneidade, torna-se necessário um sistema de signos para fixar os significados. O idealismo de Cassirer, segundo Fernandes⁴⁶, traz um elemento importante e funda a espontaneidade na dependência do signo. Assim sendo, o homem depende dos signos para significar e

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ Em Cassirer signo significa, entidade sensível dotada de significado e que permite acesso ao intersubjetivo.

⁴⁶ *Ibidem*.

objetivar o mundo. Por isso que para pensar o mundo é necessário um sistema de signos, como por exemplo, os da linguagem.

O pensamento na concepção de Cassirer depende da linguagem. Apesar destes dois elementos serem diferentes, eles caminham juntos justamente por conta desta dependência. Neste sentido, a linguagem estrutura a percepção que o sujeito tem do mundo e o que ele pensa do mundo. E a capacidade de perceber coisas diferentes está intrinsecamente ligada à capacidade de fazer distinções linguísticas. É neste sentido que para Cassirer o signo⁴⁷ é a própria condição de possibilidade da organização das representações.

Para Cassirer:

“o processo de formação da linguagem mostra como, para nós, o caso das impressões imediatas somente passa a se aclarar e articular no momento em que lhe “damos nome”, permeando-o assim, com a função do pensamento lingüístico e da expressão lingüística. Neste novo mundo dos signos lingüísticos, também o mundo das impressões adquire uma nova “consciência”, pois passa a ter uma articulação espiritual. A diferenciação e a separação, a fixação de certos momentos do conteúdo através da palavra não se limitam a neles designar uma determinada qualidade intelectual, mas, na verdade, lhes conferem esta qualidade, em virtude da qual eles vêm a situar-se acima do mero imediatismo das qualidades ditas sensíveis. Assim, a linguagem torna-se um instrumento espiritual fundamental, graças ao qual realizamos a passagem do mundo das meras sensações para o mundo da intuição e da representação⁴⁸”

Ambos os autores estão de acordo ao colocar centralidade no papel da linguagem, porém a questão da representação é o grande ponto de embate entre eles, pois é nesse aspecto que a linguagem torna-se instrumento fundamental para realizar a passagem do mundo das meras sensações para o mundo da intuição e representação. Segundo Cassirer, a representação é uma característica da linguagem e há uma separação entre o signo e o significado. O nome está no lugar

⁴⁷ Cabe salientar que o signo “não é um invólucro fortuito do pensamento, e sim, o seu órgão essencial e necessário. Ele não serve apenas para comunicar o conteúdo de pensamento dado e rematado, mas constitui, além disso, um instrumento, através do qual este próprio conteúdo se desenvolve e adquire plenitude do seu sentido. O ato da determinação conceitual de um conteúdo realiza-se paralelamente a sua fixação em um signo característico. Assim sendo, todo pensamento rigoroso e exato somente vem a encontrar sustentação no simbolismo e na semiótica sobre aos quais se apóia” Ernst Cassirer. *Filosofia das formas simbólicas*, p.31

⁴⁸ *Ibidem*. p.33-34.

do objeto de forma convencional e serve para representá-lo. Este é o traço fundamental da representação identificado na filosofia de Cassirer que permanece como um campo problemático para o autor de *Marxismo e filosofia da linguagem*. Ora, qual o problema envolvente nesta questão?

Se todo conhecimento é simbólico, o autor de *Marxismo* dirá que a ideologia permanece no terreno da consciência. O traço fundamental de uma das formas simbólicas, que é chamada de linguagem, possui a função apenas de representar e este é o problema colocado em *Marxismo*.

Vejamos a crítica de *Marxismo* a este ponto:

Cada elemento de consciência representa alguma coisa, é o suporte de uma função simbólica. O todo existe nas suas partes, mas uma parte só é compreensível no todo. Segundo Cassirer, a idéia é tão sensorial quanto à matéria: no entanto, o aspecto sensorial introduzido aqui é o do signo simbólico, é uma sensorialidade representativa⁴⁹.

A consciência é identificada em *Marxismo e filosofia da linguagem* da seguinte forma: se toda forma simbólica é o estudo dos estados progressivos da consciência, a ideologia, que é a produção de significado sobre várias áreas do conhecimento, tais como: a ciência, arte, religião, moral e etc., transformam estes elementos em progressão para o desenvolvimento da consciência. O aspecto exterior do signo, simplesmente em um revestimento, é um meio técnico de realização do efeito interior, ou seja, da compreensão⁵⁰, segundo a visão do autor de *Marxismo*. No entanto, cabe salientar, Cassirer não faz menção alguma à ideologia, e como este elemento é criticado pelo autor russo?

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* a questão é identificada como um erro na filosofia de Cassirer da seguinte maneira:

(...) a filosofia idealista e o psicologismo em matéria de cultura cometem, ambos, o mesmo erro fundamental. Situando a ideologia na consciência, eles transformam o estudo das ideologias em estudo da consciência e de suas leis, pouco importa que isso seja feito em termos transcendentais ou

⁴⁹ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.33

⁵⁰ *Ibidem*.

em termos empírico-psicológicos. Esse erro não é só responsável por uma confusão metodológica acerca da inter-relação entre domínios diferentes do conhecimento, como também por uma distorção radical da realidade estudada. A criação ideológica – ato material social – é introduzida à força no quadro da consciência individual. Esta, por sua vez, é privada de qualquer suporte na realidade. Torna-se tudo ou nada⁵¹.

De maneira geral, o texto *Marxismo* procura contra argumentar a ideia de Cassirer, dizendo que a ideologia não está na consciência, mas sim na linguagem. Segundo o autor, a palavra veicula a ideologia de maneira privilegiada. Neste sentido, a ideologia não seria um estudo contribuinte para o desenvolvimento da consciência, do contrário, ela é uma superestrutura e as transformações sociais de base refletem-se na ideologia, portanto, na língua que as veicula.

Para Cassirer⁵², em *filosofia das formas simbólicas*, o pensamento encontra sustentação no simbolismo e cada elemento de consciência representa alguma coisa, em *Marxismo* este fato se dissolve porque a consciência só pode surgir e afirmar mediante a encarnação material em signos. Ou seja, a compreensão do signo, na perspectiva marxista, consiste fundamentalmente em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos para a criação de um novo signo. Dessa forma, esta cadeia de processo tem como pressuposto mostrar que a criação do signo⁵² é eminentemente social e este não pode ser construído segundo os moldes de Cassirer, pois sua filosofia é dedicada a explorar as formas simbólicas pelas quais o homem se reveste e molda a realidade.

Ora, qual a consequência desta análise crítica contida em *Marxismo*?

Talvez a única diferença colocada realmente em *Marxismo* seja a questão da ideologia, pois o processo de significação dos signos é muito semelhante ao de Cassirer. A este respeito, comentadores como Morson e Emerson dizem que a obra *Marxismo e filosofia da linguagem* possui fortes aproximações com as ideias do

⁵¹ *Ibidem.* p. 34

⁵² A ideologia é uma realidade que tem um significado, que é justamente a realidade refletida e refratada. Assim, podemos afirmar que a ideologia é signo: “Tudo que é ideológico possui significado... Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia.”. *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.31

neokantiano Cassirer, pois um dos pontos de partida desta obra seria justamente a questão da significação e os signos.

Talvez, a diferença colocada em *Marxismo* seja também a seguinte: as formas simbólicas não permanecem como revestimentos da consciência, mas em organizações sociais determinadas e é reforçada por meio de expressões ideológicas sólidas, como a arte, religião, moral, direito e etc. Assim sendo, se para Cassirer as formas simbólicas são os elementos cernes de sua obra, para o autor de *Marxismo* é totalmente diferente, ele defende claramente que tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Ou seja, a grande diferença de Voloshinov em relação a Cassirer é: este crê que tudo que é ideológico é um signo, sendo que o domínio dos signos é a esfera ideológica.

É neste sentido que se podem encontrar as oposições entre os autores. Note-se a diferença significativa a Cassirer. Pois, em *Marxismo*, as formas simbólicas não desempenham papel algum, ao contrário, o ideológico que dá significação as construções materiais, sociais e apresenta-se como força motriz de sua obra, mas em Cassirer este movimento é diferente.

1.3. Aspectos gerais sobre a linguagem em Ferdinand Saussure

A noção do sistema lingüístico-formal proposta por Ferdinand de Saussure é totalmente recusada em *marxismo*. Isso porque o desenho inicial proposto pelo autor parte do pressuposto de que há várias manifestações e apropriações da linguagem (ocorridas pelo processo de refletir e refratar) e que não é possível uma única estrutura lógica e formal que possa dar conta de toda a múltipla dinâmica que envolve a linguagem.

Saussure, que será analisado pelo autor de marxismo, antecipa o conceito de “estrutura” que viria a ser um dos conceitos cernes, do ponto de vista metodológico, para o desenvolvimento da lingüística.

Embora a palavra estrutura não seja explicitamente usada por Saussure no *Curso de lingüística geral*, a noção de sistema é usada e contém praticamente o mesmo significado. O autor define a língua como, “um sistema”, cujos termos são

solidários e que o valor de um não resulta senão da presença simultânea dos outros⁵³”.

De acordo com o autor citado acima, "sistema", quando usado numa situação determinada, possibilita o ato concreto e individual de comunicar-se. Tal ato é definido como fala. Deste modo é estabelecido dois níveis no estudo da linguagem. O primeiro é essencial e tem por objeto de estudo a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo. O segundo nível, muito semelhante ao estruturalismo, é dividido em língua/fala. Neste sentido, o objeto da lingüística passa a ser o estudo da língua enquanto sistema.

Rodrigues enfatiza que:

(...) a pesquisa em lingüística seja descritiva ou sincrônica, e não evolutiva ou diacrônica. Essa dicotomia sincronia/diacronia tem como conseqüência a divisão da ciência da linguagem em duas partes, por um lado, a lingüística sincrônica (ou estática ou descritiva), que estuda a constituição da língua, seus sons, suas palavras, sua gramática, suas regras, etc, num dado momento, por outro, a lingüística diacrônica (ou evolutiva ou histórica) que estuda as transformações produzidas na língua através de seu tempo. No *Curso*, Saussure associa a esses dois tipos de interpretação um sistema de eixos, um eixo AB referente a simultaneidade, (sincronia) e outro CD correspondente a sucessividade (diacronia⁵⁴)

Importante salientar que Saussure nega a preferência do eixo CD sobre o eixo **AB** e considera evidente o primado do aspecto sincrônico sobre o ponto, **pois** para a maioria das pessoas que falam, este aspecto da língua é a única e verdadeira realidade. Um aspecto apontado por Saussure e que será o grande motivo de discórdia apontado em marxismo, se refere à rejeição de toda e qualquer possibilidade de estudar simultaneamente as relações no tempo em um sistema. Para Saussure a oposição entre o sincrônico e diacrônico é absoluta.

De maneira geral, estas dualidades apresentadas por Saussure (língua/fala, sincronia/diacronia, significante/significado, não guardam relações entre si. Ora, o que seria exatamente significante e significado?

⁵³Ada Natal Rodrigues. *Vida e obra de Saussure*. p.07

⁵⁴ *Ibidem*.p.08

O significante do signo lingüístico é apresentado como uma imagem acústica, ou seja, cadeia de sons que consistem no plano da forma. Já o significado é o próprio conceito, este reside no plano do conteúdo.

Neste sentido, o signo lingüístico possui um caráter arbitrário, uma vez que não existe razão alguma para que o signo árvore, por exemplo, seja este e não outro. Portanto, para Saussure não existe nenhum elo existente entre o significante e o significado. E é este caráter arbitrário que comanda a noção de sistema, responsável pelas oposições entre língua/fala e sincronia/diacronia. Do ponto de vista desta concepção, o signo lingüístico encobre duas faces da mesma moeda. De que forma? O signo árvore, por exemplo, não indica uma árvore, evoca somente a idéia que se tem de uma, sendo ela apenas uma imagem sonora. Neste sentido, o significado (a árvore real) e o significante (a palavra) são meramente duas abstrações.

Considerando a língua como sistema, qual será a visão colocada pelo autor de marxismo? É o que veremos adiante.

1.3.1.A crítica a Saussure

Vimos anteriormente às dualidades apresentadas por Saussure, de acordo com a sua explicitação sobre a linguagem:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem, é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. E, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social, para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteroclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade⁵⁵.

Saussure parte de um movimento no mínimo curioso, segundo ele a língua é um todo em si e a linguagem mostra-se diferente, pois a língua é apenas uma parte

⁵⁵ Ferdinand de Saussure. *Curso de lingüística geral*, p.17

da linguagem. Neste sentido, a lingüística não tem como objeto de pesquisa a linguagem, mas apenas uma parte dela⁵⁶.

Em marxismo, esta concepção mostra que língua é um arco-íris imóvel que domina o próprio fluxo da língua. O que significa exatamente esta afirmação? Não resta dúvida que para esta concepção, cada enunciação⁵⁷, cada ato de criação individual é único e não reiterável. Em cada enunciação encontram-se elementos semelhantes aos de outras enunciações no cerne de um determinado grupo de falantes. Estes traços são colocados pelo autor de marxismo como idênticos e são normativos para todas as enunciações, traços estes fonéticos, gramaticais, lexicais e que dão garantia a univocidade da língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade.

Ao analisar a concepção, Saussure levanta uma questão: Quais são as leis que governam este sistema interno de língua?

Vejamos suas considerações:

(...) as leis que governam este sistema interno de língua são puramente imanentes e específicas, irreduzíveis a leis ideológicas, artísticas ou quaisquer outras. Todas as formas de língua, consideradas num momento preciso (ou seja, do ponto de vista sincrônico) são indispensáveis umas as outras, completam-se mutuamente e fazem da língua um sistema estruturado que obedece a leis específicas. Estas leis lingüísticas específicas, a diferença das leis ideológicas, - que se referem a processos cognitivos, a criação artística, etc - não podem depender da consciência individual. Um tal sistema, o indivíduo tem de tomá-lo e assimilá-lo em seu conjunto, tal como ele é⁵⁸.

As considerações colocadas em *Marxismo* sobre o sistema Saussuriano expõem de maneira clara que o indivíduo tem de tomar e assimilar este sistema tal como ele é. Ou seja, não há lugar neste sistema para distinções ideológicas, **pois** a língua para Saussure é o ponto de partida para elaborações futuras da teoria estruturalista. Este conceito está entrelaçado em duas concepções básicas acerca

⁵⁶ *Ibidem.* p.17

⁵⁷ Cabe salientar que enunciação é a unidade fundamental de investigação para quem estuda a comunicação em oposição à simples linguagem.

⁵⁸ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.81

dos estudos linguísticos: língua em oposição à fala, e a sincronia em oposição à diacronia.

É preciso salientar que a concepção de linguagem contida em marxismo está toda voltada para o estudo das relações sociais e ideológicas. Expressa sua visão marxista da realidade e materializa-se, no caso específico, no estudo da linguagem por meio da enunciação. Portanto, para o autor russo, a concepção de Saussure denominada de "o objetivismo abstrato" só realiza-se apenas em uma comunidade ideal de falantes.

Outro aspecto levantado em marxismo se refere ao ponto de vista do indivíduo. As leis linguísticas são arbitrárias, ou seja, privadas de uma justificação natural ou ideológica. "Se a língua como conjunto de formas é independente de todo impulso criador e de toda ação individual, portanto, segue-se o produto de uma criação coletiva, um fenômeno social e, como toda instituição, normativa para cada indivíduo⁵⁹". Em poucas palavras, a língua tem sua história.

Um exemplo interessante contido em *Marxismo* serve para se entender o questionamento de Voloshinov referente à fórmula de resolução do Binômio de Newton. Conta-nos o autor que esta fórmula é conduzida por regras estritas e que subordinam todos os elementos e os tornam estáveis. No entanto, a diferença ocorre quando um aluno, ao utilizar esta fórmula, se engana e confunde os sinais de mais e menos ou os expoentes. Surge a partir deste erro um novo resultado, uma nova fórmula com novas regras internas, mas esta nova fórmula já não convém ao resultado do binômio de Newton. Ou seja, o que ocorre com este desvio elucidado é a não relação matemática e análoga à que rege as relações internas de cada fórmula.

Este exemplo interessante tem como pano de fundo argumentativo mostrar que com a língua o processo é o mesmo, assim sendo, "as relações sistemáticas, que existem entre duas formas lingüísticas no sistema (em sincronia), nada tem de

⁵⁹ *Ibidem.* p.81

comum com as relações que unem qualquer uma destas formas com a sua imagem transformada no estágio posterior da evolução histórica da língua⁶⁰.

É justamente por isso que o ponto de marxismo contra a concepção de Saussure é que a lógica da língua é a dos erros individuais ou dos desvios. Portanto, entre a lógica da língua, pensada como sistema de formas, e a lógica da sua evolução histórica, não há nenhum vínculo e nada de comum. Estas leis são conduzidas por leis completamente díspares e por fatores heterogêneos⁶¹.

A crítica importante colocada em *Marxismo* é “o que torna a língua significativa e coerente no quadro sincrônico é excluído e inútil no quadro diacrônico. O presente da língua e sua história não se entendem entre si, pois são incapazes dessa prática.⁶²”.

A partir desta pequena análise, o autor de marxismo sintetiza em quatro proposições a esta concepção:

1. A língua é um sistema estável, imutável, de formas lingüísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta.
2. As leis da língua são essencialmente leis lingüísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos lingüísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas e relativamente a toda consciência subjetiva.
3. As ligações lingüísticas específicas nada tem a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros). Não se encontra, a base dos fatos lingüísticos, nenhum motor ideológico. Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nem vínculo artístico.
4. Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente estes atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal, a mudança é, do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si⁶³.

⁶⁰ *Ibidem.* p.82-83

⁶¹ *Ibidem.* p.84

⁶² *Ibidem.* p. 84

⁶³ *Ibidem.* p.86

A partir das quatro anteriores proposições podemos ver a posição Voloshiniana sobre a Saussuriana. Nesse âmbito, verifica-se a língua com um sistema estável e que se encontra submetida a uma norma. Além disso, é notável e interessante ver que estas quatro proposições citadas acima resumem esta concepção de linguagem. Ou seja, as leis linguísticas são leis específicas e elas estabelecem ligações entre os signos lingüísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas e relativamente abrange toda consciência subjetiva.

Estabelecem-se, assim, dois níveis de língua: o primeiro é essencial e tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo. O segundo nível tem por objeto a parte individual da língua, ou seja, a fala.

Estes dois níveis mencionados anteriormente levam-nos a uma questão importantíssima para a compreensão das críticas contidas em marxismo. Fica claro que nas quatro proposições há uma dicotomia entre língua e a fala. O estudo da língua passa a ser como sistema e não como fala.

Para o autor de marxismo, a idéia de uma linguagem convencional e arbitrária é a característica de toda a corrente racionalista, assim como o paralelo estabelecido entre o código lingüístico e o código matemático:

Ao espírito orientado para a matemática, dos racionalistas, o que interessa não é a relação do signo com a realidade por ele refletida ou com o indivíduo que o engendra, mas a relação de signo para signo no interior de um sistema fechado, e não obstante aceito e integrado. Em outras palavras, só lhes interessa a lógica interna do próprio sistema de signos; este é considerado, assim como na lógica, independentemente por completo das significações ideológicas que a eles se ligam⁶⁴.

Nestas análises, evidencia-se que a linguagem do ponto de vista desta segunda orientação, aborda que a lógica interna do signo está intrinsecamente ligada a esta própria lógica interna e é independente das significações ideológicas que a elas se ligam.

⁶⁴ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.86.

Outro interessante ponto colocado em marxismo se refere à gênese do problema. Esta idéia de uma língua como sistema de signos arbitrários e convencionais e essencialmente racionais foi elaborada também pelos filósofos do século das luzes, no qual o referido autor não cita em sua obra. Estas são as idéias que constituem a concepção de Saussure, vieram em um primeiro momento na França e ainda são influentes até os dias de hoje⁶⁵.

Ao fazer esta análise histórica e resgatar as raízes do pensamento de Ferdinand de Saussure, que é denominado de objetivismo abstrato, o marxismo insiste que a linguagem partilha sempre do caráter desordenado da história, dos caprichos e dos desempenhos individuais. Portanto, a linguagem não se situa na ordem sistemática e normativa, mas na fala da vida cotidiana. Neste sentido, Saussure excluiu o fato de a língua ser um fato puramente histórico, embora esta concepção tenha pretensões quanto à significação sociológica de seus pontos de vista.

O pior erro de Saussure, segundo o autor russo, foi separar a ideologia da linguagem. É neste sentido que ocorre a recusa quanto a esta orientação. Uma vez que o abstrato prevalece sobre o concreto.

1.4. Conclusão: temas e desdobramentos em *Marxismo e filosofia da linguagem*

Marxismo e filosofia da linguagem nos apresentam algo completamente distinto dos trabalhos criticados pelo autor nesta obra, **tais como:** a circunscrição de uma teoria da linguagem ancorada em pressupostos **psicológicos** e a abordagem objetivista da linguagem que remete a separação entre língua e fala, **dessa forma**, recusando a historicidade da língua e o caráter ideológico que a palavra constitui para a linguagem. Neste sentido, o recurso utilizado em marxismo, a abordagem e a tentativa de uma construção de uma filosofia marxista da linguagem mostra-se

⁶⁵ Um exemplo interessante acerca do tema é verificar o ensaio de Rousseau Ensaio sobre a origem das línguas.

completamente inovadora neste contexto de debate. Uma vez que o caráter ideológico da linguagem demonstrado no texto resulta em apresentar suas concepções como contraponto destas concepções de linguagem anteriormente exposto no primeiro capítulo.

Desta forma, os principais eventos de *Marxismo* não seria a recusa destas teorias da linguagem relacionadas ao psicologismo e o objetivismo, ao contrário, as sucessivas dificuldades colocadas no interior do texto mostram claramente que a construção de uma filosofia da linguagem de fundamento marxista depende, antes de tudo, da exposição dos problemas relacionados à linguística. Neste sentido, há referência ao signo e a ausência de estudos relacionados à linguagem, pois logo no início das primeiras páginas demonstra-se claramente a importância de se ter criar regras metodológicas, bem como orientações de base para compreender os problemas elencados e, conseqüentemente, o entendimento acerca da relação entre marxismo e linguagem. ((É neste modelo de crítica que se constrói a chamada filosofia do signo ideológico, cujo entendimento passa-se por três momentos: i) a questão do signo enquanto objeto do mundo exterior, ii) a palavra que recebe de maneira privilegiada os significados, ao mesmo tempo em que reflete e refrata um mesmo signo e iii) a linguagem que é compreendida como todos os campos da atividade humana.

Dado este caráter multiforme e amplo da concepção de linguagem, se constrói uma inovadora filosofia marxista da linguagem, tendo como eixo central a compreensão do signo ideológico, sem a mesma seria difícil de identificar o edifício no qual sua teoria se aflora.

Por um lado, a partir desta perspectiva, parece que encontramos ao analisar o texto uma pesquisa maior do que uma simples orientação de base, pois os temas se articulam claramente. Por outro lado, a alternativa esboçada em marxismo ainda não parece suficientemente clara nesta primeira parte. Ora, mas por qual razão questionamos este fato? Pela simples razão: o texto apresenta-nos as concepções de signo, ideologia, palavra e linguagem; mostra-nos como desdobramento disso uma nova concepção de linguagem e a recusa de boa parte das questões relativas ao tema da própria linguagem. Neste sentido, a compreensão da articulação dessa concepção se desenvolve de maneira mais clara na segunda parte de *Marxismo*.

É preciso caracterizar que o conceito de ideologia está intimamente ligado à linguagem, sem a ligação destes dois elementos seria difícil de compreendê-los como unificantes de uma construção política, histórico e social. A demonstração da ligação dos diversos campos de atividade humana ligada a linguagem, as bases da criação ideológica, os estudos sobre religião, moral, política e conhecimento científico estão estreitamente ligados aos problemas da filosofia da linguagem, de modo que a compreensão da linguagem remete, antes de tudo, aos entendimentos destes dois temas correlacionados a linguagem.

Assim sendo, é necessário caracterizar a unificação destes elementos de modo a deixar claro a alternativa em *Marxismo*. Neste sentido, interessa-nos a constituição e a compreensão do objeto da filosofia da linguagem e sua natureza concreta para entendermos de maneira clara o marxismo, a linguagem e conseqüentemente a relação entre linguagem e ideologia. Será em meio a este debate que o núcleo a seguir a ser apresentado é a segunda parte de *Marxismo*. Os temas que foram colocados nas considerações finais, desta primeira parte, serão articulados com outros conceitos.

CAPÍTULO II: POR UMA FILOSOFIA MARXISTA DA LINGUAGEM

2.1. A construção de uma filosofia marxista da linguagem: Introdução geral ao capítulo

Na primeira parte de *Marxismo*, tenta demonstrar como o autor faz a análise dos problemas concretos da linguística focando três adversários, (marxismo, neokantismo, e o objetivismo de Saussure). No segundo momento da obra, mostra-se como o autor pretende resolver o problema fundamental da filosofia da linguagem, no âmbito em que se refere à natureza real dos fenômenos lingüísticos.

De maneira geral, no que compõe este problema? Este problema constitui o eixo central do qual versam todas as outras questões consideradas essenciais do pensamento filosófico lingüístico, por exemplo: a evolução da língua, a interação verbal, a compreensão e o problema da significação. A partir destas problemáticas surgem algumas de suas posições acerca da linguagem, bem como, seu projeto de uma filosofia da linguagem marxista denominada na primeira parte da obra de filosofia do signo ideológico.

É notável a estratégia da obra. Em primeiro lugar expõe sua concepção de linguagem, signo e palavra, depois analisa os problemas concretos de lingüística. O autor toma como ponto de partida a análise, seguindo fielmente o método dialético da tradição marxista, dessa forma, faz a análise para depois colocar a crítica em ação.

Outro aspecto interessante colocado no texto é que o autor não expõe em primeira mão definições de conceitos, sua estratégia consiste na análise crítica de seus adversários para apresentar, posteriormente, suas concepções e isso não significa colocá-la de forma fechada. O objetivo de *Marxismo* está exposto de forma clara na introdução do texto:

Não se trata de uma análise marxista sistemática e definitiva dos problemas básicos da filosofia da linguagem. Tal análise só poderia resultar de um trabalho coletivo de grande fôlego. De nossa parte, tivemos que nos restringir a simples tarefa de esboçar as *orientações de base* que uma reflexão aprofundada sobre a linguagem deveria seguir e os *procedimentos*

metodológicos a partir dos quais essa reflexão deve estabelecer-se para abordar os problemas concretos da lingüística⁶⁶.

Esta estratégia utilizada, (de não ser uma análise sistemática dos problemas relacionados à filosofia da linguagem), tem como objetivo evidenciar os problemas concretos da lingüística, de modo a esclarecer em um segundo plano sua visão acerca da linguagem. Para o autor, “tal formulação só poderia ser realizada no fim e não no início de nossa pesquisa⁶⁷”.

Talvez seja por esta justificativa que o autor apresenta em primeiro plano a temática em questão, para depois em um segundo momento colocar suas estratégias e sua concepção de linguagem. É por esta razão que colocamos no início da dissertação cinco regras metodológicas que deixam de maneira clara o que seria a linguagem para este autor. O que acontece neste itinerário estratégico utilizado é justamente o contrário, diretrizes metodológicas são usadas de forma a esclarecer o objeto de pesquisa contido em *Marxismo*, de modo a isolá-lo em seu contexto e delimitar previamente suas fronteiras⁶⁸.

Deste modo, nas páginas que se seguem será apresentada uma leitura da segunda parte de *Marxismo*, cujo núcleo refere-se à explanação de forma mais concisa de uma filosofia da linguagem marxista, indicando a possibilidade e a maneira como se coloca este tema nesta parte do texto. Pretende-se que com isso haja evidência de outra perspectiva sobre a qual se constroem os argumentos e a crítica da filosofia da linguagem em *Marxismo*. A leitura conjunta desta parte possibilita expor de forma clara a construção dos fundamentos sobre os quais se ancoram seus conceitos. Neste sentido, esta indicação talvez possibilite uma futura leitura de *Marxismo e filosofia da linguagem* que escape das armadilhas colocadas em grande parte por interpretações deterioradas e as confusões teóricas entre lingüística e filosofia.

⁶⁶ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.25

⁶⁷ *Ibidem*, p.71

⁶⁸ *Ibidem*, p.71

Assim sendo, inicia-se com uma pequena apresentação sobre o objeto de pesquisa do texto, articulando em forma de eixos temáticos, de modo que a finalidade de evidenciar como se expõe e se constrói seus argumentos e posições fiquem claras. A questão da linguagem, normas fixas e a crítica que se segue sobre este tema serão abordadas de forma direta. Depois, a questão da análise, ideologia, tema e significação também serão mencionados. Por fim, será explicado como estes conceitos, apesar de inúmeros, se relacionam com a linguagem e conseqüentemente com a ideologia. Logo após, serão realizadas as considerações finais sobre esta segunda parte da dissertação.

2.1.1. Em busca de definição do objeto de pesquisa: a linguagem

O texto que será apresentado a seguir divide-se em duas partes. A primeira, apesar de ser demasiadamente curta, tem por objetivo apresentar uma leitura estratégica praticamente semelhante à primeira parte da obra. O movimento do texto inicia-se por uma pergunta cerne, expondo os problemas da linguagem e as dificuldades em que eles se encerram. Em meio ao amplo debate⁶⁹ encontra-se em alguns trechos sua posição acerca da linguagem. Portanto, os debates sobre estes movimentos e temas envolvem alguns passos considerados relevantes.

Em primeiro lugar, a caracterização da filosofia de *Marxismo* iniciou-se na primeira parte da obra como uma contraposição aos problemas relativos à linguagem contida no marxismo, no neokantismo de Cassirer e no objetivismo de Saussure. Estes passos iniciais pretendem situar o conjunto dos empreendimentos proposto em *Marxismo* e identificar a amplitude (em certos momentos polêmica) de suas pretensões em relação aos temas tradicionais da filosofia.

Neste sentido, este capítulo consiste fundamentalmente em identificar o contexto de suas reflexões, sua articulação e o projeto geral que será exposto nesta

⁶⁹Dizemos amplo porque em nossa análise optamos por recortes conceituais, objetivando a clarificação de nosso objeto de estudo, para não se perder na imensidão de pequenos leques abertos aos debates e polêmicas criadas no interior de *Marxismo*.

segunda parte. Esta leitura procura localizar o objeto da filosofia da linguagem proposto em *Marxismo* e o caráter radical e inovador de sua filosofia marxista da linguagem, atentando-nos para a articulação geral do texto e o amplo conjunto de problemas tratados no interior da obra. Evidenciando uma visão ampla e unitária da linguagem.

Assim sendo, o começo da segunda parte da obra nomeada de "*Para uma filosofia marxista da linguagem*", o autor expõe uma questão fundamental para a compreensão de seus conceitos. Em que consiste o objeto da filosofia da linguagem? Para alcançar esta definição e mostrar como surge no texto, um longo caminho é percorrido para ao menos delimitar tal conceito. A primeira questão tentada ser respondida se refere ao objeto da filosofia da linguagem. Curiosamente, esta questão é apresentada com alguns aspectos interessantes acerca deste objeto de estudo e que, de certa maneira, se diferencia em demasia a maneira pela qual busca definir este objeto.

Ao perguntar: Em que consiste o objeto da filosofia da linguagem? Surge uma análise meticulosa e a busca de respostas (o que não é necessariamente respostas prontas e sim, aproximações em busca de aclarar o objeto de pesquisa ao menos próximo do entendimento do leitor). A explicitação do objeto real da filosofia da linguagem não se mostra tão facilmente para o leitor, pois foge definitivamente dos conceitos simplórios. Segundo o autor "toda vez que procuramos delimitar o objeto de pesquisa, remetê-lo a um complexo objetivo, material, compacto, bem definido e observável, perdemos a própria essência do objeto estudado e de sua natureza semiótica e ideológica⁷⁰".

Ora, porque esta suposta perda da essência do material estudado? Como *Marxismo* chega a este problema? Parece-nos que a procura de uma definição não ocorre de maneira fácil e a suposta essência, da qual parece não existir, evidencia um novo modo de ver a linguagem. Neste sentido, sua análise crítica versa sobre a delimitação prévia de suas fronteiras e isolá-lo em seu contexto, de modo a não perder de vista a demarcação do objeto real da filosofia da linguagem. É evidente

⁷⁰ *Ibidem*, p.72

também que o texto encobre certo jogo lingüístico, ou seja, guarda-se em estratégias específicas, como por exemplo, a longa busca pelo objeto da linguagem e a colocação de vários aspectos exteriores para apresentar em meio a este amplo debate sua visão acerca da linguagem.

Ora, como estes aspectos são articulados em *Marxismo*? Será que toda esta articulação pode-se dizer que se trata de uma construção de conceito? Sob a pretensão de um jogo estratégico na busca detalhada do objeto real da linguagem, encontramos três esferas da realidade de seu objeto de estudo: física, fisiológica e psicológica. Vejamos como cada uma é exposta pelo autor.

A primeira esfera, a física, é analisada a partir da face sonora. Segundo o autor:

No início do trabalho heurístico, não é tanto a inteligência que procura, construindo fórmulas e definições, mas os olhos e as mãos, esforçando-se por captar a natureza real do objeto, acontece que, em nosso caso, os olhos e as mãos se encontram numa posição difícil, os olhos nada vêem, as mãos nada podem tocar, é o ouvido que, aparentemente mais bem situado, tem a pretensão de escutar a palavra, de ouvir a linguagem. E, com efeito, as seduções do *empirismo fonético* do signo lingüístico nela ocupa um lugar proporcionalmente exagerado. Tal estudo muitas vezes determina o tom nessa disciplina e, na maioria dos casos, é feito sem nenhum vínculo com a natureza real da linguagem enquanto código ideológico⁷¹.

A dificuldade de alcançar o objeto real da filosofia da linguagem é expressa nestas linhas que se seguem. Note-se que a palavra é responsável pelo engendramento de significados, ideologia e que desempenha papel fundamental na busca deste objeto. No entanto, cabe ressaltar ainda dois aspectos ainda não mencionados. Por exemplo, se o som compete à natureza física, a ligação dele com o processo de percepção sonora está ligada a segunda esfera, denominada de esfera fisiológica. Do mesmo modo ocorre com a terceira esfera psicológica, que é associada à atividade mental (signos interiores) unido a um conjunto de regras internas que lhe atribui vida e faz dele um fato lingüístico.

⁷¹ *Ibidem*, p.71

Estes são três elementos pertencentes ao objeto da filosofia da linguagem. No entanto, a linguagem como objeto específico ainda não se tem. Ora, no que consistem então estes três elementos em *Marxismo*? De início, percebe que o autor diz que está longe de encontrar o objeto real da filosofia da linguagem. Esta estratégia utilizada pelo autor tem como objetivo elucidar um quarto elemento de suma importância para o entendimento acerca de sua filosofia marxista da linguagem. Este quarto elemento desenhado em *Marxismo* será chamado de aspecto social. Ou seja, a estratégia⁷² utilizada neste ponto consiste fundamentalmente em expor uma visão unitária⁷³ acerca da linguagem:

“a unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para o complexo físico-psíquico-fisiológico que definimos possa ser vinculado a língua, a fala, possa tornar-se um fato de linguagem⁷⁴”

Será que este quarto elemento, (o social), pode denominar de um conceito? A nosso ver parece que não. A busca por um objeto de filosofia da linguagem se torna mais complexa. Existem esferas anteriores que não se pode delimitar de uma criação conceitual. Do contrário, esta delimitação ocorre de maneira diferente da tradição filosófica. O texto de *marxismo* foge as regras ao se apresentar de forma diferente, não estancando a dinamicidade viva da linguagem por um conceito. Como se vê na citação anterior, o resultado neste primeiro momento desta análise é: ao invés de reduzir o fenômeno da linguagem, amplia-se demasiadamente em virtude destes aspectos mencionados anteriormente.

Este recurso, ou estratégia usada em *Marxismo* tem como objetivo expor suas concepções sobre a linguagem, bem como, o surgimento de forma mais visceral e a

⁷²Esta estratégia tem como ponto fundamental rebater duas orientações do pensamento filosófico-lingüístico, o subjetivismo idealista do filósofo alemão Wilhelm Von Humboldt e o objetivismo de Ferdinand de Saussure, bem como outros adversários, debatidos em menor parte.

⁷³Sobre este tema convém mencionar o principal membro do círculo de Bakhtin que carrega o mesmo nome. O texto *Gêneros do discurso* publicado provavelmente entre os anos de 1952-1953 possui exatamente a mesma visão de Voloshinov. “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (Bakhtin, p.261)

⁷⁴ *Marxismo e filosofia da linguagem*. p. 73

amplitude de seu projeto de uma filosofia marxista da linguagem. Para isso, muitas questões serão recusadas, (das quais não entraremos em detalhes), pois fugiria demasiadamente do tema proposto nesta dissertação. Mas cabe ressaltar que em um segundo momento o autor apresenta novos procedimentos metodológicos, de modo que estes dêem conta da realidade da linguagem. Veremos como este procedimento se relaciona com o segundo item a ser exposto e que possui grande importância nesta dissertação.

2.1.2. Uma corrente ininterrupta: Sobre a linguagem e normas fixas

Explicado o objeto da filosofia da linguagem, podemos ver que ela se mostra nitidamente ampla. Não é o aspecto físico, psicológico ou fisiológico que se tornam de fato linguagem, mas todos estes elementos somados e unidos ao aspecto social que vão tornar-se linguagem. Ou seja, o objetivo seria entender a língua como um produto histórico social e é a partir destes elementos que se encontra sua visão acerca da linguagem. O aspecto social é condição fundamental para que estes três elementos possam ser vinculados à língua, a fala, e assim, tornar-se de fato linguagem.

Ora, a questão, a saber, em *Marxismo* é: em que medida à linguagem e normas fixas está relacionada com o objeto da filosofia da linguagem? E mais, como se chega a esta temática? Uma tentativa de busca de resposta no interior do texto mostra que, colocada sua primeira posição, podemos notar a articulação realizada até o momento. A busca constante pelo objeto de pesquisa, a ampliação, a soma deste mesmo para uma visão unitária da linguagem e a conseqüente recusa a todo e qualquer movimento que estanca o fluxo ininterrupto da linguagem. O fluxo que é estancado é justamente o que é denominado de normas fixas.

Ora, o que está exposto por detrás desta argumentação⁷⁵?

⁷⁵ Uma das respostas dadas no interior da obra se refere aos debates realizados. A crítica a visão filosófica de Wilhelm Von Humboldt, na qual o autor o classifica como idealista, a Ferdinand de Saussure, que para Voloshinov, sua obra possui fortes influências do pensamento cartesiano, bem como também, algumas críticas dirigidas ao iluminismo francês e ao racionalismo.

Esta visão notadamente ampla da linguagem parece ser problemática. O aspecto social é essencial para o alcance do objeto da linguagem e se coloca como recusa fundamental. A noção de subjetividade e às normas fixas estancam o fluxo ininterrupto da linguagem⁷⁶ e parece ser a resposta por de trás do texto.

A questão das normas fixas será considerada no segundo ponto. O embate e o interlocutor fazem parte da concepção de Saussure. Importante dizer que não vamos nos deter novamente sobre este autor, o que faremos é apenas expor as críticas a um dos problemas fundamentais da filosofia da linguagem, que diz respeito às normas fixas.

A crítica contida em *Marxismo* a este problema se refere a um sistema de língua que se exprime primeiramente em coisas materiais e em signos. Este sistema repousa em formas normativas, em sua realidade e na qualidade de norma social. Mas a questão não é exatamente essa. Há outro elemento considerado uma das questões fundamentais do pensamento filosófico linguístico desta concepção, tais como: o sistema linguístico constituir o fator objetivo externo a consciência individual e independente desta representar uma de suas posições fundamentais. Ora, que posição é essa? Constituir a língua sob a forma de sistema de normas rígidas e imutáveis.

Ao abordar este problema de um ponto de vista marxista, o que ocorre em *marxismo* é a recusa radical a esta posição. Para o autor, somente na consciência individual que as normas rígidas e imutáveis podem acontecer:

A contraposição à elaboração a esta posição é dada da seguinte maneira:

Na verdade, se fizermos abstração da consciência individual subjetiva e lançarmos sobre a língua um olhar verdadeiramente objetivo, um olhar, digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua. De um ponto de vista realmente objetivo, percebendo a língua de um modo completamente

⁷⁶ O debate sobre este tema é direcionado as concepções filosóficas que tratam a linguagem viva como se fosse morta. *Marxismo* direciona suas críticas ao escritos de Ferdinand de Saussure, em específico a obra *Curso de lingüística geral*. Do mesmo modo, aponta que os escritos de Saussure possuem fortes influências do cartesianismo, que segundo o autor, formaliza a língua, de modo a sistematizar o fluxo ininterrupto da linguagem.

diferente daquele como ela apareceria para um certo indivíduo, num dado momento do tempo, a língua apresenta-se como uma corrente ininterrupta. Para o observador que enfoca a língua de cima, o lapso de tempo em cujos limites é possível construir um sistema sincrônico não passa de uma ficção⁷⁷.

A apresentação do núcleo de sua abordagem como uma contraposição as normas fixas nos indica um caminho para expor a concepção de linguagem em *Marxismo* e talvez nos possibilite uma precisão um pouco maior na identificação daquilo a que o projeto de Voloshinov denomine de "*Para uma filosofia marxista da linguagem*", bem como o conjunto de problemas identificados em *Marxismo*.

Vejamos que este sistema, do qual foi exposto na citação anterior, mostra alguns elementos importantes que merecem ser destacados. Em primeiro lugar, a questão da consciência colocada diante da evolução ininterrupta da linguagem, ela parece perder o sentido ao se fazer uma espécie de abstração ao lançar um olhar objetivo sobre este fato. No que diz respeito à contraposição às normas fixas, nota-se que mesmo fazendo a abstração da consciência subjetiva não se encontrará um sistema de normas imutáveis. Ao contrário, o que se descobrirá na posição do texto é a evolução ininterrupta das normas da língua, ou seja, o texto nos remete a sua posição, abordando a ideia de que a língua apresenta-se como um fluxo e ou corrente ininterrupta.

Esta opção de apresentar a língua como um fluxo e ou corrente ininterrupta e sem pretender elaborar nenhuma teoria sistemática sobre a linguagem se refere a Saussure e sua noção de estrutura. É neste sentido que o autor de *Marxismo* se pronuncia, pois ele não quer cair no mesmo erro de construir uma teoria que deixe de lado o dinamismo do materialismo dialético exposto de maneira clara em sua obra. O que o autor faz é oferecer uma perspectiva a partir da qual possamos olhar *Marxismo* como um texto que elabora *orientações de base* em contraposição aos problemas concretos da filosofia da linguagem e não como um texto meramente teórico.

⁷⁷ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.95

Curioso notar que seu texto não parte da exposição de uma teoria sobre a linguagem, pelo contrário, ele parte da identificação e comentários sobre os vários problemas relativos à ideologia, consciência, signo, interioridade etc. Tais problemas são da natureza específica da linguagem devido a sua concepção unitária que este tem acerca do tema. O que interessa-nos saber é: qual a pretensão de *Marxismo* ao falar de corrente ininterrupta da linguagem? Ao remeter a esta ideia, recusa-se consequentemente as normas fixas, pois a língua mostra-se como uma corrente ininterrupta. Ou seja, esta resposta dada para estas questões tem como pano de fundo mostrar que este problema das normas, contido na filosofia da linguagem, não desempenha papel algum na história. Neste sentido, ao adotar a língua como um sistema de normas objetivas, sem desempenho do aspecto histórico social, o problema aprofunda-se ao cair consequentemente em outro problema muito debatido no início do texto: a consciência subjetiva.

2.1.3. O problema da consciência subjetiva (ou, expressão)

O problema de adotar a língua como sistema de normas objetivas, onde o aspecto social não desempenha papel, cai no problema⁷⁸ que versa sobre o eixo central do qual giram todas as outras questões consideradas essenciais do pensamento filosófico contemporâneo: à consciência subjetiva. Ora, no que consiste a consciência subjetiva? Em que medida esta se mostra como um problema para filosofia da linguagem? A resposta mostra-se clara no texto, pois ao recusar o aspecto histórico social, a postura a ser mais adotada por inúmeras correntes do pensamento filosófico linguístico contemporâneo é a linguagem como determinante da consciência, ou seja, não sendo objetiva sua função, ao contrário, sendo subjetiva. De forma breve, será mostrado a articulação destes pontos que aparentemente parecem ser soltos com a questão das normas fixas.

⁷⁸Este ponto levantado em *marxismo* tem como pano de fundo criticar as concepções da filosofia alemã de Wilhelm Von Humboldt, Ernst Cassirer, bem como a rejeição a teoria da expressão subjacente ao subjetivismo individualista. No corpo do texto colocaremos o objetivo destas críticas e sua exposição acerca do subjetivismo, que constitui um problema para a filosofia da linguagem marxista de Voloshinov.

A recusa à noção de subjetividade ocorre primeiramente porque, antes de tudo é a situação social que determina e modela qualquer ação. Sendo assim, se torna necessário verificar os pressupostos e o núcleo de sua argumentação a respeito do tema. Para se entender o problema será necessário expor um dos eixos problemáticos dos quais versam outras questões importantes, como por exemplo, a noção de expressão subjacente ao subjetivismo (ou consciência subjetiva)

Em primeiro lugar, ocorre o questionamento se a língua existe para a consciência subjetiva unicamente como um sistema objetivo de normas fixas intocáveis. Este questionamento ocorre devido ao fato da língua ser um material ininterrupto, de múltiplas criações no contexto histórico e social. Certamente, a resposta dada pelo autor é negativa, pois para ele, a consciência subjetiva não se utiliza da língua como um sistema de normas formativas. “Tal sistema é uma mera abstração, produzida com dificuldade por procedimentos cognitivos bem determinados⁷⁹”.

O texto de *Marxismo* apresenta um desdobramento com relação a esta linha argumentativa e mostra que o sistema linguístico nada mais é que um produto de uma reflexão sobre a língua (língua viva) e que o sistema abstrato de normativas não ampara o dinamismo da língua. Ora, o que há por detrás desta argumentação? O objetivo é mostrar que a língua não se apresenta dessa forma para os sujeitos que a falam. Este problema do pensamento filosófico linguístico apontado em *Marxismo* mostra um grave erro feito por estas filosofias. Ao normalizar a língua, separa-se o conteúdo ideológico da mesma, jogando o problema para os recônditos da consciência, transformando estudos objetivos em estudos subjetivos por meio de justificativas teóricas e práticas bem precisas. Para o autor, é deste modo que se cai no problema da consciência. Este argumento aqui apresentado remeterá de modo direto a recusa ao problema da subjetividade (ou consciência subjetiva), subjacente ao estudo da expressão e conseqüente refutação deste problema.

Os parágrafos seguintes⁸⁰ de *Marxismo* marcam de forma gradual a transição do debate sobre o caráter da subjetividade⁸¹ de forma subjacente a expressão. De

⁷⁹ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.95.

⁸⁰ Do capítulo *Interação Verbal*

início, algumas questões são colocadas para começar o debate e a compreensão do mesmo, tais como: “Como se apresenta a enunciação monológica do ponto de vista do subjetivismo individualista?”. A resposta a esta questão é dada da seguinte maneira: apresenta-se como um ato puramente individual e como uma expressão da consciência individual. Note-se que surge a partir deste momento a categoria expressão e que se encontra intrinsecamente ligada ao debate da consciência individual.

Dada estas questões colocadas no interior do texto, o problema que fica é: De que maneira podemos ler a questão da ideologia e o subjetivismo? É possível uma conciliação entre estes dois pontos? Ao debater estas questões, Morson e Emerson⁸² mostram que a questão da individualidade costuma ser pensada em oposição ao social. Salienta o autor que, se tira a conclusão da noção de uma psique individual quando a ideologia é social. Estas noções são radicalmente mentirosas⁸³.

Para os autores:

Por um lado, a personalidade individual é “tão social quanto a ideologia”. Outrossim, os fenômenos ideológicos são tão inelutavelmente individuais quanto os fenômenos psicológicos. Todo produto ideológico traz a marca de seu criador ou dos seus criadores e só pode continuar a existir como fenômeno ideológico se for multiplamente implementado por pessoas particulares. Assim como a individualidade é constituída socialmente, os fenômenos ideológicos requerem “impleção” para existir. O signo ideológico deve imergir no elemento dos signos interiores, subjetivos, deve soar com tons subjetivos a fim de permanecer como signo vivo e não relegado ao estatuto honorário de uma peça de museu incompreensível⁸⁴.

Esta descrição que seria compreendida por Morson e Emerson salienta que como produto social, a psique (ou subjetividade) não está localizada na pessoa. O

⁸¹ Neste momento em Marxismo surge crítica a Humboldt e a noção de subjetividade e expressão.

⁸² Morson e Emerson. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*, p.216

⁸³ *Ibidem*.p.216

⁸⁴ . *Ibidem*.216

cérebro está na pessoa, mas a psique não. Neste sentido, a psique está localizada entre dois pólos de existência: entre o organismo e o mundo exterior⁸⁵.

Neste modelo exposto, Morson e Emerson tentam mostrar que a produção contida em *Marxismo* a respeito do subjetivismo, (ou consciência individual), tem como objetivo expor que a entidade social “penetra no interior do organismo da pessoa individualmente”. Qualquer definição objetiva de “experiência interior deve ser incluída dentro da unidade do objetivo, ou seja, fora da experiência, porque a diferença entre elas não é qualitativa, mas uma questão de grau”⁸⁶.

Não resta dúvida que o texto remete a uma estratégia sobre o subjetivismo. Por meio da categoria expressão⁸⁷, que é uma categoria mais geral que engloba o ato da fala e da enunciação, podemos notar que o objetivo é mostrar que a expressão comporta duas facetas: o conteúdo interior e sua objetivação exterior. Ora, o que há por detrás desta argumentação? Será uma negação por completo do subjetivismo? Ou uma tentativa de reformulação destas categorias do pensamento filosófico linguístico?

De fato, o que parece estar em jogo é a maneira pela qual se arma sua argumentação para a conseqüente dissolução dos argumentos de seus adversários, bem como a colocação de sua definição acerca do tema.

Por exemplo, ao apontar que a categoria da expressão deve admitir que o conteúdo a exprimir pode se constituir fora da expressão, esta mostra claramente

⁸⁵ Esta preocupação surge em ensaio anterior publicado dois anos antes (ou seja, em 1927) da publicação de *Marxismo e filosofia da linguagem*, em *Freudismo: um esboço crítico*: “O marxismo está longe de negar a realidade psíquico-subjetivo: este existe, evidentemente, mas de modo algum pode ser separado do fundamento material do comportamento do organismo. O psíquico é apenas uma das propriedades da matéria orgânica, razão por que é inadmissível colocá-lo em oposição ao físico, enquanto princípio específico de explicação. Ao contrário, estando-se integralmente no terreno da experiência física externa, é necessário mostrar em que espécie de organização e em que nível de complexidade da matéria surge essa nova qualidade do psíquico, essa nova propriedade da nova matéria. A experiência subjetiva interior não pode fornecer nada para tal fim. Neste sentido, a psicologia objetiva está coberta de razão. Mas o materialismo dialético ainda faz a psicologia mais uma importante reivindicação, e desta nem os objetivistas tem sempre consciência e a cumprem: a psicologia do homem deve ser socializada. p.18

⁸⁶ Morson e Emerson. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*, p.217

⁸⁷ “Mas o que é afinal a expressão? Sua mais simples e mais grosseira definição é: tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores” (p.115)

que a teoria do subjetivismo individualista só pode se desenvolver em um terreno idealista e espiritualista. Ora, qual a estratégia em jogo? Evidenciar que no subjetivismo idealista tudo que é essencial é interior e o exterior só se torna essencial a título de receptáculo do conteúdo interior pelo meio da expressão do espírito⁸⁸.

Neste contexto já crítico, o que se mostra é que o aspecto exterior desenvolve um papel passivo. Ou seja, qual a evidência e problemática exposta nesta orientação do pensamento filosófico lingüístico? O conteúdo exterior encontra-se no interior. Neste sentido, o grande erro decorrente desta concepção é o fato do conteúdo ideológico seguir o mesmo percurso, considerar a ideologia como um fato interior ou como apenas um revestimento da consciência. Esta explicitação encontrada primeiramente em Cassirer e depois na filosofia Humboldt, Voloshinov é um dos maiores problemas filosóficos a serem enfrentados. Sendo assim, o subjetivismo descrito em *Marxismo* aliado com a questão da expressão se mostra problemáticos, pois entendem a atividade mental como organizadora da ideologia.

Neste contexto de reflexões, o fundamento deste pensamento filosófico é radicalmente falso por uma simples razão: “o conteúdo a exprimir e sua objetivação externa são criados, como vimos, a partir de um único e mesmo material, pois não existe atividade mental sem atividade semiótica⁸⁹”.

A filosofia de *Marxismo e filosofia da linguagem* apresenta-se de maneira contrária sobre este ponto. “Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação⁹⁰”.

Deste modo, a caracterização de uma filosofia marxista da linguagem aparece de forma implícita neste ponto. Considerando que o tema determinante **da** atividade mental não é a subjetividade em si, mas a situação social que deve ser entendida

⁸⁸ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.115

⁸⁹ *Ibidem.* p.116

⁹⁰ *Ibidem.* p.116

socioideologicamente, o fato do interior e exterior não deve ser entendido como um dualismo, mas como um ato bilateral.

A partir desta constatação, o projeto de uma filosofia marxista da linguagem surge de maneira inovadora, uma vez que o processo envolve dois aspectos: o interior e o exterior que ocorrem dialeticamente e devem ser entendidos continuamente num certo horizonte social definido e estabelecido, que determine a criação ideológica de um grupo social de uma época.

Sobre esta perspectiva, o mundo interior se dissolve e não permanece no *asylum ignorantiae*, denunciado inicialmente nas primeiras páginas de *Marxismo*, pois sua reflexão tem um horizonte social. A novidade colocada pelo autor é: o interior é uma questão social e a estrutura da atividade mental é tão social como da sua objetivação exterior. Sendo assim, a consciência se desenvolve ideologicamente. Como observa o autor:

Na verdade, a simples tomada de consciência, mesmo confusa, de uma sensação qualquer, digamos a fome, pode dispensar uma expressão exterior, mas não dispensa uma expressão ideológica, tanto isso é verdade que toda tomada de consciência implica discurso interior, entoação interior e estilo interior, ainda que rudimentares. A tomada de consciência da fome pode ser acompanhada de depreciação, de raiva, de lamento ou de indignação. Enumeramos aqui apenas os matizes mais grosseiros e mais marcados da entoação interior, na realidade, a atividade mental pode ser marcada por entoações sutis e complexas. A expressão exterior, na maior parte dos casos, apenas prolonga e esclarece a orientação tomada pelo discurso interior, e as entoações que ele contém⁹¹.

Note-se como este argumento tenta sustentar um movimento dialético entre o aspecto interior e exterior. Até mesmo a sensação interior da fome depende de uma situação que se situa no âmbito social.

Ora, o que há por detrás deste jogo argumentativo? Um dos pontos mais criticados em *Marxismo* é justamente esta questão da subjetividade e a consciência individual. Sobre esta perspectiva, qual seria a alternativa ou forma de superação para estes problemas contidos em *Marxismo*? Uma das respostas encontradas na

⁹¹ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.118

obra se refere a dois pólos: atividade mental do eu e atividade mental do nós. De que forma é construída esta solução? É o que será visto adiante.

Ao contrapor de maneira significativa à concepção de subjetividade e linguagem, que vem sendo descrita ao longo do texto, a concepção tradicional⁹² apresentada, por exemplo, no debate contemporâneo acerca da linguagem oscila entre os dois pólos. No entanto, há uma grande diferença entre a atividade mental do eu e do nós. Em primeiro lugar, a atividade mental do eu tende para dissolução e perde sua modelagem ideológica, por que no núcleo de sua análise está a suposição de que haveria a necessidade do elemento entre o interior e o exterior, que seria o social como constitutivo de ambos. Sem o elemento social, a consciência fica incapaz de enraizar-se socialmente.

Neste contexto, a descrição da atividade mental do nós⁹³ torna-se uma atividade diferenciada da atividade mental do eu, porque o crescimento do grau de consciência são os subsídios cernes para sua orientação social. Neste sentido: “quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for à coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior⁹⁴”.

⁹² Em *Marxismo* não há preocupações com terminologias históricas e enquadramentos dos mesmos e cita vários filósofos e correntes filosóficas que em certa maneira são herdeiros da concepção platônica de linguagem.

⁹³ Dado que a consciência adquire forma e existência no signo ideológico, qualquer reflexão ou tomada de consciência reflexão não dispensa a expressão exterior e muito menos pode dispensar a criação ideológica. Neste sentido, seja qual for à direção da experiência, toda atividade mental, enquanto discurso interior, por exemplo, somente pode realizar-se a partir de uma *orientação social*. Portanto, a atividade mental do eu e a atividade mental do nós são os dois limites para os quais se realizam a elaboração ideológica, os distintos graus de consciência, na clareza e na diferenciação da orientação social da atividade mental. Assim sendo, a atividade mental do eu tende para a auto-eliminação, pois ela constitui um nível inferior da ideologia do cotidiano, e quanto mais próxima de seu limite, mais distante fica de uma forma acabada. Isto significa que, quanto mais distante de um auditório social, menos dotada será de uma representação verbal e modelagem ideológica. Sua atividade mental está ligada diretamente a um grau de orientação social e se não se enraíza socialmente, perde sua clareza e modelagem ideológica.

A atividade mental do nós constitui um nível superior na ideologia do cotidiano, e está ligada diretamente a estabilidade de uma orientação social. Isto é, quanto mais próxima de seu limite, mais distinta e definida será a atividade mental. Este vínculo é de sua importância, pois, quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual cada indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será seu mundo interior. Neste sentido, a atividade mental deve buscar vínculos materiais sólidos com um grupo organizado, pois favorece a constituição de um terreno favorável para um desenvolvimento claro e ideologicamente bem formado. Deste modo que se favorece a criação ideológica nesta atividade. *Marxismo e filosofia da linguagem*. p. 119-123

⁹⁴ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.119

Nesta exposição anteriormente mencionada, parece-nos que há uma tentativa de dissolução da concepção de interioridade. Entretanto, algumas questões permanecem em aberto: qual é então a vantagem entre atividade mental do eu e atividade mental do nós? Nesta tentativa de recusa a estas noções de interioridade e seus correlatos, será que o texto não cairia no mesmo problema do pensamento filosófico-linguístico contemporâneo da qual o autor fala?

A resposta dada em *Marxismo* acerca desta questão nos parece apresentar uma alternativa interessante acerca do tema. Para o autor, a atividade mental do nós permite diferente da atividade mental do eu, diferentes graus e tipos de modelagem ideológica⁹⁵. Se a situação social é determinante na filosofia marxista da linguagem, cada situação social representaria determinados modelos conforme a experiência dos grupos sociais e dos indivíduos inseridos nestes. O esforço contido em *Marxismo* é mostrar que não há dualidades entre interior e exterior e que estas questões não passam de meras posições ideológicas criadas historicamente.

Esta passagem nos apresenta de modo interessante à atividade mental do eu e a atividade mental do nós (em outros termos, interioridade e exterioridade) como sendo únicos, assim como sua concepção de linguagem. Mais do que isso, a novidade exposta em *Marxismo* difere-se radicalmente do marxismo ortodoxo, que recusam por inteiro o conceito de interioridade. O autor reconhece esta questão, mas não aceita a maneira pela qual é construída. Para ele, não se pode negar por completo a interioridade, o que ocorre é a tentativa de mostrar que o aspecto interior é tão social quanto o exterior.

A novidade, colocada acerca deste tema, apresenta-se interessante por adequar-se a mostra de que o pensamento só tem origem em determinados contextos sociais. Fora destes aspectos, ou seja, de sua objetivação e realização, a consciência é uma ficção⁹⁶.

Dada estas questões iniciais, como a consciência torna força real?

⁹⁵ *Ibidem*.p.119

⁹⁶ *Ibidem*.

O caminho indicado nessas investigações conduz algumas pistas acerca da questão:

Enquanto a consciência permanece fechada na cabeça do ser consciente, como uma expressão embrionária sob a forma de discurso interior, o seu estado é apenas de esboço, o seu raio de ação ainda limitado. Mas assim que passou por todas as etapas de objetivação social, que entrou no poderoso sistema da ciência, da arte, da moral, e do direito, a consciência torna-se uma força real, capaz mesmo de exercer em retorno uma ação sobre as bases econômicas da vida social. Certo, essa força materializa-se em organizações sociais determinadas, reforça-se por uma expressão ideológica sólida (a ciência, a arte, etc), mas, mesmo sob a forma original confusa do pensamento que acaba de nascer, pode-se já falar de fato social e não de ato individual interior⁹⁷.

A recusa em apresentar o uso da consciência como dependente de estruturas interiores é notavelmente abandonado em *Marxismo* por uma simples razão: a atividade mental desde a origem já é uma construção sócio ideológica criada sem considerar os dados concretos da expressão social⁹⁸. Neste projeto, para uma filosofia marxista da linguagem, não há nenhum momento onde a consciência desempenha o movimento interior e exterior. Do contrário, o esforço contido em *Marxismo* é em fazer a inversão de papéis. O aspecto exterior que dá movimento para o desempenho do interior é a grande novidade contida nesta obra e talvez o grande desafio seja: recusar esta concepção, ao mesmo tempo em que, elabora-se um novo papel para o aspecto interior e exterior.

Neste sentido, a inversão ocorrida neste aspecto é que desde o início a atividade mental está voltada para o aspecto exterior, ou seja, para sua expressão plenamente realizada. “Uma vez materializada, a expressão exerce um efeito reversivo sobre a atividade mental: ela põe-se então a estruturar a vida interior, a dar-lhe uma expressão ainda mais definida e estável⁹⁹”.

⁹⁷ *Ibidem.* p.122

⁹⁸ *Ibidem.*

⁹⁹ *Ibidem.*

Podemos observar, ainda que preliminarmente, as posições de *Marxismo* acerca deste tema, abordam aspecto interior que é tão social quanto o exterior. É a partir deste passo fundamental que ocorre o desdobramento de um tema de suma importância: a análise da ideologia.

2.1.4. Análise da ideologia

A aproximação entre o aspecto interior e exterior está intrinsecamente ligada à análise da ideologia e conseqüentemente a análise da linguagem com relação a todos os temas levantados anteriormente. A princípio parece uma visão demasiadamente longa para se compreender a linguagem, mas esta concepção em *Marxismo* guarda uma estratégia particular. A análise da linguagem consiste fundamentalmente nas relações com aspectos que giram ao redor de vários outros: psicológico, fisiológico, físico e social. Este concepção está permeado de temas que aparentemente parecem estar soltos, mas estão completamente articulados entre si. A análise da ideologia bem como a linguagem estão interligadas a todos os campos da atividade humana.

E como ocorre a análise da ideologia?

Como se sabe, a ideologia é uma realidade que tem um significado que é a realidade refletida e refratada. Além dos sistemas ideológicos constituídos, como: a ciência, moral e a religião, há outro elemento denominado em *Marxismo* de ideologia do cotidiano, que é o responsável pela cristalização destes sistemas constituídos. Ora, de que maneira esses sistemas ideológicos conservam um elo orgânico com a ideologia do cotidiano? E como a ideologia do cotidiano relaciona-se com o aspecto interior e exterior?

No marxismo de Voloshinov, a ideologia oficial tem sua origem na ideologia do cotidiano, pois exerce poderosa influência sobre a ideologia da vida cotidiana e entre ambas não existem fronteiras. De maneira geral, a ideologia do cotidiano é a palavra dos discursos interior e exterior, ou seja, é a reação verbal que banha e acompanha a reação motora, componentes do comportamento humano. O discurso interior e exterior é denominado em *Marxismo* de ideologia do cotidiano e é o discurso totalmente vinculado ao organismo humano, por esta razão é muito mais

sensível que a ideologia oficial. Neste sentido, qualquer mudança que acontecer nas estruturas sociais, o primeiro reflexo vai diretamente para ideologia do cotidiano, ou seja, no discurso interior e exterior. E é exatamente por isso que a palavra exterior e interior deve ocupar o primeiro lugar a atenção aos estudos das ideologias.

A ideologia do cotidiano também não é propriedade específica de nenhum domínio ideológico e não tem vínculo com nenhuma esfera ideológica em particular, pelo contrário, o discurso interior e exterior fazem parte da comunicação cotidiana e está atrelada aos processos de produção da vida. Essas características tornam a ideologia do cotidiano um material ideológico rico e privilegiado da comunicação.

Neste sentido, temos por um lado, a ideologia oficial e do outro a ideologia do cotidiano. A ideologia oficial é a ideologia que atribui ordem, pois seu conteúdo e sua estrutura são relativamente estáveis. Por sua vez, a ideologia do cotidiano não é enformada, pois não é propriedade específica de nenhum domínio ideológico e não possui vínculo com nenhuma esfera ideológica particular. Pelo contrário, o discurso interior e exterior faz parte da comunicação cotidiana e está atrelado aos processos de produção de vida. Essas características tornam a ideologia do cotidiano um material ideológico rico e privilegiado da comunicação.

Assim, temos de um lado, a ideologia oficial e do outro a ideologia do cotidiano. Por sua vez, a ideologia oficial é a ideologia que atribui ordem, pois seu conteúdo e sua estrutura são relativamente estáveis. Já a ideologia do cotidiano é um acontecimento, um processo relativamente instável. Mas, ambas as ideologias se relacionam dialeticamente, formando o todo ideológico único e completo que permanecem em uma constante relação de reciprocidade.

Neste sentido, a ideologia oficial tem sua origem na ideologia do cotidiano que por sua vez exerce poderosa influência sobre a ideologia da vida cotidiana. Assim sendo, o método de estudo da ideologia deve ser o mesmo para o estudo da ideologia em sua forma verbalizada, isto é, cotidiana, pois as normas de reflexão e refração são as mesmas:

Toda enunciação verbalizada do homem é uma pequena construção ideológica. A motivação do meu ato é, em pequena escala, uma criação jurídica e moral; uma exclamação de alegria ou tristeza é uma obra lírica

primitiva, as considerações espontâneas sobre as causas e efeitos dos fenômenos são embriões de conhecimento científico e filosófico etc.¹⁰⁰

A importância da ideologia do cotidiano para o uso da consciência é notável, pois mantém vínculos diretos com o processo de produção de vida, isto é, com as estruturas sociais e concomitantemente com a ideologia oficial. Por isso, o discurso interior e exterior é meios privilegiados de representação da realidade, pois para eles existirem, é necessário somente um ser humano em presença de outro humano, ou seja, pode ser produzido somente pelo organismo consciente sem necessidade de nenhum instrumento extra-corpo.

Deste modo, a ideologia começa a ser constituída no dia a dia através de encontros fortuitos e casuais com tempo limitado. Essa primeira ideologia é afetada diretamente pelos processos de produção de vida. Esse primeiro momento da ideologia se mostra desprezioso, instável e sem organização previa, porém, é o seu primeiro ponto de nascimento. Nesse ponto, a ideologia não tem a mesma força que poderá ter quando atingir determinada organização.

Por outro lado, a ideologia do cotidiano tem seu aspecto mais estável em relação ao seu início fortuito e aparentemente desprezioso, onde a multiplicidade de encontros casuais é ligada por fios ideológicos formados nas atividades de relações sociais, encontrando assim sua primeira organização. Neste sentido, a ideologia só encontra organização em uma unidade social organizada com base nas relações de produção.

É por estas razões que a teoria da expressão subjacente ao subjetivismo deve ser completamente rejeitada, pois o centro organizador de toda enunciação e de toda expressão não é interior, mas é exterior e está situado no meio social que se encontra o indivíduo. É a partir deste ponto que a análise ideológica pode se configurar, tendo como base um determinado contexto social.

¹⁰⁰ *Ibidem.* p.88

2.1.5. Tema e significação

O debate sobre a significação tem sido tratado desde as primeiras páginas de *Marxismo* como um dos problemas mais difíceis do pensamento filosófico-linguístico contemporâneo. Se a concepção do autor tem uma visão unitária, como surge o tema da significação na língua? Este é um dos temas cernes para a compreensão acerca dos fundamentos da linguagem em *Marxismo*.

De início, na obra, antes mesmo de entrar no debate sobre significação, é definido primeiramente um elemento cerne, chamado de tema e que em certa medida anda lado a lado a esta questão. O tema é considerado como uma apreensão de uma situação histórica concreta, a qual dá origem à enunciação¹⁰¹.

Neste sentido, a enunciação é determinada não só pelas formas linguísticas, mas pelas formas não verbais da situação. Deste modo, o tema da enunciação é concreto, tanto quanto o instante da história.

Assim sendo, segundo Voloshinov, somente a enunciação tomada de forma concreta e como acontecimento histórico pode se tornar tema. Este é o tema na enunciação.

Diferente das concepções de linguagem dos três adversários analisados anteriormente no primeiro capítulo desta dissertação, a história desempenha um papel fundamental na linguagem. Sem história, a linguagem certamente cairia nos modelos históricos descritos por seus adversários.

¹⁰¹ *Marxismo* descreve enunciação lado a lado com enunciado. Se procurarmos diferenciar estes dois termos, tal diferenciação perde sua importância. O enunciado é compreendido como um elemento da comunicação em relação indissociável com a vida. Neste sentido, o enunciado concreto é um evento social e não pode ser reduzido a abstrações. Em *Marxismo* enunciação é definida muitas vezes como ato da fala. A enunciação concreta é a realização exterior da atividade mental orientada por uma orientação social mais ampla, mais imediata, com a interação de interlocutores concretos. Em outro texto do membro do círculo de Bakhtin, "Gêneros do discurso" (de Mikhail Bakhtin) o enunciado é definido como unidade real da atividade discursiva, diferenciando esta unidade real da unidade da língua, como palavras e orações (convencional). Neste texto, Voloshinov discute três particularidades do enunciado como unidade real da comunicação discursiva: a) alternância dos sujeitos falantes, b) conclusibilidade, c) escolha de um gênero discursivo. Neste sentido, afirma também que o desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as particularidades das diversidades de gêneros do discurso em qualquer campo de investigação lingüística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, que deformam a historicidade da investigação e as relações da língua com a vida. Ver o site www.rodasdeconversabakhtiniana.blogspot.com/

Ora, dada esta primeira colocação acerca do tema cabe-nos algumas perguntas: qual a diferença entre tema e significação? Será que os dois temas são semelhantes? De que forma ele surge no interior do texto? Para isso, será necessário verificar o que o autor entende por significação para depois entender as perguntas colocadas anteriormente.

O tema “é um atributo da enunciação completa, ele pode pertencer a uma palavra isolada somente se ela operar como uma enunciação global. (...) Por outro lado, a significação pertence a um elemento ou conjunto de elementos na sua relação com o todo¹⁰²”. Voloshinov salienta que se abstrairmos esta relação com o todo (ou seja, com a enunciação) perde-se a significação. Portanto, o resultado será formular uma relação do tema com a significação da seguinte forma: o tema constitui o estágio superior real da capacidade de significar. Por sua vez, a significação é o estágio inferior dessa capacidade. Trata-se de um potencial no interior de um tema concreto.

Assim sendo, a distinção entre tema e significação tem mais clareza com o anúncio de um novo tema, pois a compreensão permite apreender o tema. Ora, o que significa compreender?

Compreender é opor a palavra do locutor uma contrapalavra. Só na compreensão de uma língua estrangeira é que se procura encontrar para cada palavra uma palavra *equivalente* na própria língua. É por isso que não tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva¹⁰³. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro¹⁰⁴.

Consideremos algumas questões desta citação.

¹⁰² *Ibidem.* p.137

¹⁰³ A responsividade não pode ser vista apenas como prática de linguagem, pois é ela que traz a existência da linguagem, tendo em vista que, a resposta ativa não existe apenas no responder a um determinado discurso, mas pelo contrário responde a outros enunciados já postos socialmente em outro contexto histórico-social. Sobre este termo, verificar o texto de um dos membros do círculo de Bakhtin, o próprio Bakhtin, *Arte e responsabilidade*, in: *Estética da criação verbal*.

¹⁰⁴ *Ibidem.* p.137

Voloshinov diz que a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos compreender também uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Assim sendo, compreender não seria apenas se posicionar sobre um fato discursivo, mas se apropriar dos discursos do outro para a constituição da enunciação e também para contra argumentar o discurso alheio com suas próprias palavras.

Ao dizer que compreender é opor-se a palavra do locutor uma contrapalavra, Voloshinov não quer dizer que compreender é se opor a determinado discurso, mas usar o discurso anterior para a formação do discurso resposta. É neste sentido que ele vai dizer que toda compreensão está contida de uma resposta. A compreensão responsiva, ou seja, responsável, nada mais é do que a fase inicial e preparatória para uma resposta.

Compreender então seria responder a um determinado enunciado/discurso concreto, que para o autor, cada enunciado é um elo de uma cadeia muito complexa de outros enunciados. Ou seja, não há na filosofia da linguagem de *Marxismo* com enunciados ou discursos isolados.

Não se trata de recusar a possibilidade de que existam estas questões, mas a de não conceber a linguagem como um fato isolado ou como uma teoria sobre o mundo (como no Crátilo de Platão, e em uma longa tradição que lhe é herdeira). Não se trata também de apresentar-se como um duplo, uma representação do mundo, cuja relação se dá por meio de teoria e prática. Ao contrário, se trata de entender que cada homem encontra o mundo e seus discursos já existentes e não acabados. Assim, o homem terá relativa autonomia em relação a tais discursos.

Neste sentido, a linguagem só se apresenta como um produto da história e de modo que, compreender a evolução histórica do tema e da significação torna-se indispensável para levar em conta a apreciação social. É neste contexto que a evolução de uma língua está ligada a evolução de um dado grupo social e inteiramente determinada pela expansão da infraestrutura econômica¹⁰⁵. À medida

¹⁰⁵ A infraestrutura é uma realidade concreta de onde parte o processo de comunicação. Os signos ideológicos se formam a partir desta realidade, por isso a importância de entender o contexto em que os signos são formados, ou, estudar a situação social em que a interação verbal ocorre para formá-

que a base econômica se expande, esta gera uma real expansão no alvo da existência que é acessível, compreensível e vital para o homem. Esse alargamento se apresenta de forma dialética e de modo que a incorporação de novos elementos que são incorporados na comunidade linguística tornem-se objetos de fala e não coexistem pacificamente. Eles entram em uma luta incessante, submetem-se a reavaliações, mudando muitas vezes no interior de um grupo social e refletindo na evolução semântica.

O resultado interessante expresso na obra que se difere completamente do marxismo soviético e de seus adversários é:

(...) uma luta incessante dos acentos em cada área semântica da existência. Não há nada na composição do sentido que possa colocar-se acima da evolução, que seja independente do alargamento dialético do horizonte social. A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo¹⁰⁶. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias¹⁰⁷.

Temos aqui a dialética exposta de maneira clara. Nesse processo de luta incessante, o eu existe em interação com o outro, porque ser significa ser para o outro, e através dele, para si mesmo. Esta dialética exige a presença do outro, de modo que esta interação, situada em um contexto social, se relaciona gerando movimentos e lutas incessantes.

Neste sentido, a particularidade da filosofia marxista da linguagem situa-se, entretanto, na alternativa que ele apresenta as posições do pensamento filosófico

los. Deste modo, a infraestrutura está relacionada com a superestrutura. É nesta relação que os sujeitos vivenciam a sua história por meio da linguagem. é preciso tomar cuidado ao analisar esta relação, pois cai muitas vezes no erro de separá-las, como se estivesse numa realidade infraestrutural e as vezes em outra. *Marxismo* mostra que estamos sempre na região limite entre estas duas realidades. A superestrutura transforma o objeto em signo. O objeto transforma o signo quando se envolve em uma esfera ideológica, quando a ideologia constituída em um determinado grupo o faz funcionar no interior de um sistema de valores. No grupo e no horizonte social o objeto é determinado pelo valor semiótico e se transforma em signo. Daí que o signo se desenvolve da infraestrutura para a superestrutura, isto é, da realidade concreta para o sistema ideológico de um determinado horizonte social. Ver o site: www.rodasdeconversabakhtiniana.blogspot.com/

¹⁰⁶ Nietzsche!

¹⁰⁷ *Ibidem*. p.141

linguístico contemporâneo, ao qual se opõe. Seus temas vão se constituindo em uma amplitude, (a qual, às vezes parece aumentar e dispersar-se de seu objeto de estudo), porém os seus temas vão se configurando em um só, como a linguagem, por exemplo, que para tornar-se linguagem, é necessária uma série de elementos concretos, mostrando uma visão ampla acerca do tema. O mesmo ocorre com os demais temas e com a significação. De modo que entender estes dois temas é necessário ter clareza que o caminho percorrido pelo autor mostra-se diferente, por escolher diretrizes metodológicas, ao invés da criação de conceitos que estancam a vivacidade da língua.

Para tanto, é necessário articular as questões anteriormente expostas de modo a deixar clara a alternativa proposta na terceira parte de *Marxismo*, a qual se propõe. Interessa-nos, assim, a constituição de aplicação de seu método sociológico e sua relação com os problemas concretos da filosofia da linguagem. É por meio a parte final de *Marxismo*, cujo núcleo para o debate, aqui proposto, é entender de que forma ocorre a tentativa de aplicação do método sociológico por meio dos temas debatidos no interior de *Marxismo*.

2.6. Conclusão

Dito tudo isso, qual a concepção contida em *marxismo* a respeito da linguagem? Até o presente momento parece-nos claro que a concepção do autor mostra-se de forma objetiva. Ou seja, a linguagem é uma atividade, da qual, várias facetas podem ser colocadas. No início deste capítulo vimos como é a busca pelo objeto de estudo, o autor coloca vários elementos, dos quais, até em determinados momentos, parecem coisas completamente dispares a obra. Contudo, não é o que se vê, estes elementos incorporados de maneira gradual tem como objetivo mostrar que toda atividade humana está em certa medida relacionada com a linguagem. Neste sentido, tentar entender estes movimentos colocados no interior do texto mostra-se como um exercício cerne, sem a qual, não é possível entender a linguagem e seus pressupostos carregados anteriormente.

Dito tudo isso, o que fica como questionamento é: qual o objetivo colocado por Voloshinov ao elaborar esta busca constante pela linguagem? A resposta a esta

questão encontra-se justamente naquilo que se coloca como questionamento, a linguagem não está na consciência e nem nos recônditos do idealismo, a linguagem é uma atividade que se coloca em ação nas relações sociais. Para entendê-la é necessário descartar todo o questionamento levantado e compreendê-la como uma prática encontrada na interação verbal.

Este desvelamento realizado aos poucos tem como objetivo cerne mostrar que a linguagem, entendida nas escolas criticadas em *marxismo*, é insuficiente por uma simples razão: entender a linguagem como um fenômeno interior, esquecendo um fato importante que diz respeito a seguinte questão: até o ato interior, ele deve ser entendido sociologicamente, ou seja, a criação interior é tão exterior quanto o próprio ato exterior.

Esta aproximação realizada nesta segunda parte de *Marxismo* está intrinsecamente ligada à questão da ideologia e conseqüentemente, a todos os temas levantados anteriormente. Esta criação parece uma visão demasiadamente longa para compreender a linguagem como está na proposta em *Marxismo*. É preciso salientar que a análise da linguagem é muito particular e consiste fundamentalmente nas relações sociais que giram ao redor da linguagem, por exemplo: a linguagem descrita por este autor envolvem aspectos psicológicos, filosóficos, fisiológicos e históricos.

Esta descrição em *Marxismo* mostra claramente que este conceito está permeado de temas que aparentemente estão soltos, mas o que se mostra é justamente ao contrário, estes elementos estão completamente articulados entre si. Neste sentido, a análise da linguagem e da ideologia está ligada a todos os campos da atividade humana.

Assim sendo, é necessário caracterizar a unificação destes conceitos, de modo a compreender a alternativa apresentada em *Marxismo* que pressupõe a existência de um elemento importante e que será anunciada em capítulos seguintes, como por exemplo: a compreensão da linguagem como um fato sociológico. Neste sentido, o que interessa é a constituição e a compreensão do objeto da filosofia da linguagem e sua natureza concreta para se entender de maneira clara a relação entre linguagem e ideologia. Em meio a este debate que será apresentado na terceira parte de *Marxismo* que as considerações práticas e a tentativa de aplicação do método sociológico será desenvolvido.

**CAPÍTULO III: A NATUREZA SOCIAL DA
ENUNCIÇÃO: SOBRE A TENTATIVA DE
APLICAÇÃO DO MÉTODO SOCIOLÓGICO**

3.1. Introdução geral ao capítulo:

As primeiras palavras de *marxismo* no terceiro capítulo iniciam-se da seguinte forma:

“não há abordagem fecunda dos problemas sintáticos que se fundamente sobre os princípios e métodos tradicionais da lingüística, particularmente os do objetivismo abstrato, onde tais métodos e princípios encontraram sua expressão mais clara e conseqüente¹⁰⁸”

Esta abertura do primeiro parágrafo é semelhante aos demais capítulos existentes no interior da obra e mostra de maneira clara o objetivo contido no interior de *Marxismo* que é tentar entender o problema da sintaxe que se encontra em má situação. A partir de uma análise histórica, as conseqüências ideológicas deste debate parecem ser o objetivo do autor, ou seja, mostrar que o debate está situado em um determinado contexto e a língua obedece a esta dinâmica.

Importante salientar que quando o autor afirma que não há uma abordagem fecunda sobre os problemas sintáticos, a tentativa é usar o método sociológico como forma de compreensão da língua e sua evolução. Neste sentido, todas as formas da língua, em específico, as sintáticas, são as que mais se aproximam das formas concretas da enunciação, ou seja, dos atos de fala. Portanto, o que se encontra no núcleo da concepção deste terceiro capítulo são as análises sintáticas do discurso como análise do corpo vivo da enunciação. É neste sentido que se constitui o eixo central deste primeiro capítulo denominado de *teoria da enunciação e os problemas sintáticos*.

Após fazer esta verificação, nota-se que compreender a língua fora dessas formas, ou seja, entende-la como um sistema abstrato, torna-se uma tarefa difícil, uma vez que as formas sintáticas são mais concretas que as formas morfológicas ou fonéticas e que também são mais estreitamente ligadas às condições reais de fala.

¹⁰⁸ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.145

É por meio desta justificativa que a concepção de *Marxismo* gira em torno dos fatos mais vivos da língua, as formas sintáticas, morfológicas ou fonéticas. Ora, qual a importância dada nesta introdução sobre a enunciação e os problemas sintáticos?

Encontramos a resposta acerca da pergunta levantada da seguinte forma; a reflexão sobre os fatos vivos da língua só é possível no quadro de elaboração de uma teoria da enunciação. Para o autor, enquanto a enunciação como um todo permanecer incógnita para o linguista, está fora de questão falar de uma compreensão real e concreta das formas sintáticas. Cabe perguntar: qual a importância da enunciação neste quadro teórico? A resposta é simples, na exata medida que se compreenda como unidade fundamental a língua como fruto da interação verbal. Por isso, a orientação sociológica se faz necessário para uma compreensão dos fatos reais estudados num determinado contexto.

Denominado de discurso do outrem, há outro elemento importante colocado neste capítulo que parte pelo autor da seguinte problemática: como, na realidade, apreendemos o discurso do outrem? A resposta dada pelo autor traz uma grande novidade, o discurso do outrem se apreende na subjetividade do outro, mas se torna realmente discurso quando há uma interação verbal, quando este se exterioriza. Qual a importância desta afirmação? A língua é afirmada e recusada como um processo e reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, ela é afirmada como fruto de relações sociais entre seus falantes. Neste sentido, a variante contida no discurso surge em determinadas épocas e contextos específicos, na qual a interiorização social são mais cristalizados e definidos quando aparecem com mais força no contexto ao qual se está inserido.

A novidade colocada e que podemos ver é, toda apreensão da enunciação de outrem, tudo que se possa ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior, para depois ganhar significado no discurso exterior. O objetivo do autor é mostrar que a língua não existe por si mesma, mas somente por uma conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta. A enunciação ganha força porque toma contato com a comunicação, que imbuí desse poder e torna-se realidade.

Esta última parte de *Marxismo* apresenta-se como uma surpreendente elaboração de temas e desdobramentos de seus escritos contidos no interior da obra. Além de ter motivado as mais diversas leituras e interpretações sobre o

discurso indireto e discurso direto, bem como, a aplicação de seu método sociológico. Apesar das múltiplas leituras referentes ao tema e as diversas abordagens realizadas sobre *Marxismo*, pouco há de novo a se apresentar sobre o assunto, ou seja, a velha perspectiva segundo a qual os estudiosos da obra de Bakhtin procuram associa-lo as demais obras dos demais membros do círculo, como se fosse um autor só, múltiplo e variado intelectual de escritas tão díspares.

As páginas a seguir terão como objetivo analisar detalhadamente o seguinte tema do discurso direto e indireto na literatura russa contido na terceira parte da obra: *“Para uma história das formas da enunciação nas construções sintáticas: tentativa de aplicação do método sociológico aos problemas sintéticos”*, indicando a sua possibilidade de articulação com temas anteriores as duas primeiras partes da obra, em particular com a noção de linguagem.

Pretendemos também, evidenciar outra perspectiva de base sobre a qual constroem argumentos e críticas aos adversários e as concepções de linguagem dos mesmos. Esta leitura conjunta possibilita, segundo o tema aqui defendido, que se compreenda de forma mais clara a posição de marxismo sobre a aplicação de seu método sociológico. Essas indicações possibilitariam uma leitura futura de *Marxismo* que escapariam das muitas armadilhas realizadas de quem as trabalha com uma longa e consolidada tradição de interpretação acerca dos temas em *Marxismo*.

Ao final desta análise, comentários serão colocados e como conclusão, algumas indicações preliminares sobre como se poderia agrupar à leitura de *Marxismo* apresentadas a partir das observações aqui apresentadas.

3.1.1. O início do percurso

A terceira parte de *Marxismo* inicia-se por uma curiosa constatação no prólogo da obra:

A questão tratada na terceira parte não foi objeto de nenhum estudo na literatura lingüística. Por exemplo, o discurso indireto livre – que Puchkin já utilizava – não foi mencionado nem descrito por ninguém. Também nunca foram estudadas as variantes muito diferentes do discurso direto e indireto.

Portanto, a orientação de nosso trabalho vai do geral ao particular, do abstrato ao concreto: das questões de filosofia geral as questões de lingüística geral, a partir disso, abordamos, finalmente, uma questão específica que diz respeito a gramática (sintaxe) quanto a estilista¹⁰⁹.

Esta resposta já nos apresenta em certa medida a estrutura e procedimento tratado no interior de *Marxismo*. Voloshinov não contraporá os estudos referentes ao discurso direto e indireto, mesmo porque a necessidade posta no interior desta passagem é a orientação do geral ao particular e do abstrato ao concreto. Basta notarmos o percurso realizado pelo autor nas duas primeiras partes de *Marxismo*. Os primeiros capítulos tratam de questões de ordem gerais em filosofia e dos problemas decorrentes nesta área, realizando um estudo crítico em relação aos problemas apontados no começo da obra. Na terceira parte, o foco torna-se específico. A partir disso, as análises se focam na problemática da qual já mencionamos anteriormente. Dadas estas preliminares, qual o motivo de se usar esta estratégia metodológica?

Parece-nos que a estratégia metodológica utilizada em *Marxismo e filosofia da linguagem* tem como princípio partir da crítica e dos problemas que afetam o pensamento filosófico lingüístico contemporâneo, a partir de uma visão marxista de mundo, ou seja, o uso da dialética como ferramenta metodológica de compreensão dos problemas apresentados pelo autor.

O que fica como hiato para o leitor de *Marxismo*, especialmente nas primeiras páginas, é de que maneira surge o marxismo e como os problemas apresentados em seu conjunto se ligam com a visão marxista de mundo. Convém para o leitor perguntar: que visão marxista de mundo é esta? De que maneira esta visão está articulada com os problemas relacionados à linguagem?

O caminho seguido pelo autor é o da tradição marxista soviética de seu tempo, indicando algumas possibilidades de interpretação que surgem como inovações, a guisa de exemplo, a linguagem como compreensão do mundo. Sua crítica dirigida aos problemas da filosofia contemporânea tem como objetivo apontar os erros e a conseqüente dissolução dos problemas por ele apresentados. Neste

¹⁰⁹ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.28-29

sentido, o *marxismo* ganha terreno a cada página e surge como uma força orgânica que se coloca de maneira definitiva no plano filosófico lingüístico, não apenas como compreensão teórica, assim como pretendem seus adversários analisados. Ao contrário, neste vigoroso projeto filosófico não há conclusões definitivas. Seu interesse está mais voltado para as relações entre os fatos estudados concretamente do que para a análise meramente teórica. Por isso o autor se vale de um importante ramo de estudo das ideologias: a criação literária.

Sobre este aspecto, convém mencionar seu entendimento sobre a linguagem:

A língua não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações estáveis dos falantes. Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma ora outra, ora uma variante ora outra. O que isso atesta é a relativa força ou fraqueza daquelas tendências na interiorização social de uma comunidade de falantes, das quais as próprias formas linguísticas são cristalizações estabilizadas e antigas. Se em certas condições bem determinadas, uma forma qualquer se encontra relegada a segundo plano (por exemplo, certas variantes do discurso indireto no romance russo contemporâneo, que são justamente de tipo nacionalista dogmático), isso testemunha então a favor do fato de que as tendências dominantes da compreensão e da apreciação da enunciação de outrem tem dificuldade em manifestar-se sob essas formas, pois estas últimas as freiam, não lhes deixando campo suficiente¹¹⁰.

Note-se que é a partir desta concepção sobre a qual a obra *Marxismo e filosofia da linguagem* combaterá do início ao fim. A questão da língua como reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas é objeto de crítica do início ao fim da obra. Neste sentido, a questão do discurso direto e indireto surge a partir de uma leitura muito particular, onde se travam o problema das relações entre linguagem e ideologia de forma a superar as limitações e os problemas anteriormente mencionados. O desafio proposto nesta última parte é mencionar de que forma se articulam estes temas que aparentemente parecem estar soltos. Portanto, vejamos como se articula a questão do discurso direto e indireto no capítulo a seguir.

¹¹⁰ *Ibidem.* p. 153

3.1.2. Discurso direto e indireto e suas variantes

Nas primeiras páginas de *Marxismo* já é possível notar a problemática do discurso exposta da seguinte maneira:

O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação. Aquilo que nos falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras. Um exemplo de um tema que é apenas um tema seria, por exemplo, “a natureza”, “o homem”, “a oração subordinada” (um dos temas da sintaxe). Mas o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso, ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral da construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia, estrutura e semântica se nem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou¹¹¹.

Veja. O conteúdo do discurso é o tema de nossas palavras. Como se sabe, pois foi dito em momentos anteriores a esta dissertação, a palavra se constitui como um dos eixos norteadores a filosofia da linguagem de *Marxismo*. O que nos resta a entender é a maneira pela qual ocorrem as significações ideológicas por meio da teoria do discurso, ou seja, como a ideologia penetra nesse meio. É importante salientar que este exercício e estratégia realizada em *Marxismo* tenta compreender e por em foco o único traço universal “presente em toa vasta série de possíveis contextos¹¹²”. Por mais que sejam variados os temas tratados na obra, o poder da significação e mudança está nas condições históricas e sociais de seus falantes. Neste sentido, *Marxismo* mostra, segundo Clark e Holquist, que o poder conceitual dos sistemas desenvolvidos é muito limitado, pois, ao concentrarem-se em palavras fora do contexto em que foram utilizados, os linguistas tem adotado posturas e definições dicionarizadas, ao preço que é mais importante na linguagem a sua dinamicidade e o que elas podem significar. É desta forma que o autor tenta construir sua teoria do discurso por meio de análises críticas.

¹¹¹ *Ibidem.* p. 150

¹¹² K. Clark e M. Holquist. *Mikhail Bakhtin*, p. 235

Para começarmos, deve-se perguntar: o que é o discurso direto e indireto? Discurso direto, dentro de uma criação literária, são os personagens que falam de forma direta. O narrador, interrompendo a narrativa, põe-nas em cena e cede-lhes a palavra. O discurso direto caracteriza-se pela reprodução fiel da fala do personagem. O discurso indireto é uma narrativa, onde o personagem não fala diretamente.

Ex: “Muito bem! Que grande realização¹¹³!”.

No discurso indireto não há diálogo, o narrador não põe as personagens a falar diretamente, mas faz-se o intérprete delas, transmitindo ao leitor o que disseram e ao que pensaram. O discurso indireto ocorre quando o narrador utiliza suas próprias palavras para reproduzir a fala de um personagem:

Ex: “Ele disse que estava muito bem e que era uma grande realização¹¹⁴”.

Ao focalizar o problema dos gêneros do discurso, vemos que a riqueza e diversidade destes são ilimitadas por dois motivos: primeiro, porque as possibilidades de atividade humana são inesgotáveis e os integrantes de cada esfera de atividade humana, constantemente, geram enunciados (orais ou escritos) únicos e concretos. Segundo, porque cada esfera de atividade contém um repertório inteiro de gêneros de discurso que se diferenciam e se desenvolvem à medida que essa esfera particular se amplia e se torna mais complexa. Neste sentido, o que se pretende mostrar em *Marxismo* é que as formas variadas de transmissão do discurso são uma relação ativa de uma enunciação a outra que podem ser apreendidas por meio de construções específicas da língua. Deste modo, as formas sintáticas do discurso direto e indireto constituem-se em esquemas formados a partir de tendências dominantes em cada época, da apreensão do discurso de outrem.

¹¹³ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p; 165

¹¹⁴ *Ibidem*. p.165.

Se a língua é o reflexo das relações sociais dos falantes, dependendo da época (história), dos grupos sociais, do contexto (espaço), vemos dominar diferentes variantes ao longo do tempo. Se os meios linguísticos permitem a apreensão do discurso de outrem e mais, a infiltração de réplicas e comentários do dizer de um no dizer de outro, esse tipo de apreensão tem por objetivo neutralizar, apagar as fronteiras do discurso de outrem para colocar em destaque um ponto de vista dominante. Portanto, é a partir desta orientação que se tem o discurso indireto, sem sujeito aparente, o discurso indireto livre e as variantes do discurso direto e indireto.

Outra característica importante sobre o discurso direto e indireto diz respeito as suas variantes; são as formas que se encontram ou num processo de gramaticalização, ou estão em vias de desgramaticalização. Estes elementos, em seus limites, possuem formas ambíguas que se podem captar as tendências da transformação da língua. Estas variantes, no que se diz respeito à questão do discurso indireto, são a versão analítica da análise do discurso do outrem, ou seja, implicam numa análise da enunciação simultânea ao ato da transposição e da separação dele. Na análise do discurso indireto, os elementos emocionais e afetivos não participam diretamente na medida em que não são expressos no conteúdo, mas em sua enunciação.

Para entendermos melhor esta análise, convém colocarmos o seguinte exemplo: ao adaptar o discurso direto: “muito bem! Que grande realização!” Para o discurso indireto, não se pode usar a seguinte forma: “ele disse muito bem e que grande realização”. Deve-se usar a seguinte forma: “ele disse que estava muito bem e que era uma grande realização”.

A tendência do discurso indireto pode tomar duas orientações:

- i) Discurso indireto analisador do conteúdo
- ii) Discurso indireto analisador da expressão

No primeiro caso, a enunciação de outrem é analisada no plano meramente temático, como uma tomada de posição, com conteúdo semântico por parte do falante, (o que disse o falante). Já a segunda orientação, abre-se a réplica e o comentário, mas conserva a distância entre o que diz o narrador e as palavras citadas, parece preservar a integridade e autonomia da enunciação.

Já no discurso indireto analisador da expressão, as maneiras de dizer as palavras de outrem são introduzidas de tal forma que sua especificidade e subjetividade em seu caráter típico são percebidos, sendo colocadas entre aspas.

Para entendermos esta explicação, colocamos o exemplo retirado da obra de Dostoievsky:

Ele encontrou Nastasia Filippovna num estado próximo da completa loucura; dava gritos, tremia, berrava que Rogójin estava escondido no jardim na sua própria casa, que ela acabava de vê-lo, que ele ia *matá-la...cortar-lhe a garganta!*¹¹⁵.

Essas duas variantes do discurso direto exprimem abordagens linguísticas divergentes do discurso de outrem e da personalidade do falante. No primeiro caso (o discurso indireto analisador de conteúdo) a personalidade do falante ocupa uma posição semântica determinada (cognitiva, ética, moral, de forma de vida) transmitida objetivamente. No segundo caso, (discurso indireto analisador da expressão, a individualidade do falante se cristaliza ao ponto de formar uma imagem que nem sempre corresponde a ordem real). Nesse caso, a individualidade do falante é apresentada de maneira subjetiva, como o modo de pensar e falar, o que implica ao mesmo tempo um julgamento de valor do autor sobre esse modo.

Estas variantes muito bem analisadas têm como objetivo não somente a análise técnica do discurso, ao contrário, a novidade colocada neste debate vai muito mais além desta visão simples colocada em grande medida nos comentários acerca deste tema. Ora, então qual é a novidade exposta? As variantes do discurso refletem as particularidades da estrutura e forma da linguagem de uma época. Ou seja, o contexto social se mostra como determinante para a mudança (variação) de uma linguagem situada em seu contexto.

Estas diversidades analisadas no discurso direto e indireto refere-se às diversas formas que se pode analisar a linguagem. Neste sentido, o caminho adotado pelo autor, exprimem abordagens linguísticas divergentes que tem como pano de fundo diversas formas de análise: política, histórica e social. A este respeito,

¹¹⁵ F. M. Dostoievski, *O idiota*, p.165

É nas variantes que se acumulam as mudanças, no curso dos séculos e dos decênios, e que se estabilizam os novos hábitos da orientação ativa em relação ao discurso do outrem, os quais se fixam em seguida sob a forma de representações linguísticas duráveis nos esquemas sintáticos. As variantes se encontram na fronteira da gramática e da estilística. Algumas vezes, pode haver controvérsia quanto a saber se uma forma de transmissão do discurso do outrem constitui um esquema de base ou uma variante, se se trata de uma questão de gramática ou de estilística. Houve, por exemplo, uma controvérsia dessa ordem a respeito do discurso indireto livre em francês e em alemão entre Bally, por um lado, e Kalepky e Lork, por outro. Bally recusava-se a reconhecer no discurso indireto livre um legítimo esquema sintático e via-o como uma simples variante estilística. Do nosso ponto de vista, é impossível estabelecer uma fronteira estrita entre a gramática e a estilística, entre o esquema gramatical e sua variante estilística. Essa fronteira é instável na própria vida da língua, onde algumas formas se encontram num processo de gramaticalização, enquanto outras estão em vias de desgramaticalização, e essas formas limítrofes, é que apresentam maior interesse para o linguista, é justamente neles que se podem captar as tendências da evolução da língua¹¹⁶.

No caso da citação anterior, a variante surge como um importante elemento na língua, pois ela é a própria fronteira instável na dinamicidade viva da mesma. E as acumulações históricas, as mudanças, surgem como estabilizadores e orientadores ativos em relação ao discurso do outrem, os quais se fixam como futuras representações linguísticas duráveis nos esquemas sintáticos. Deste modo, esta fronteira instável que se torna a variante, torna-se ao mesmo tempo, formas especiais, onde se pode captar as tendências da evolução da língua.

A este respeito, os importantes comentários dos pesquisadores Clark e Holquist somente vêm a corroborar o que estamos querendo expor nesta dissertação. Os procedimentos adotados em *Marxismo* têm como objetivo abarcar em uma unidade a maior de possibilidades dentro de uma unidade fundamental que é denominada de linguagem. Por isso, vários aspectos vão se compondo em pequenas unidades que vão de encontro ao todo da linguagem. Segundo os autores, sua preocupação com a variedade serve para unir num todo coerente as mais desnorteantes contradições expostas.

¹¹⁶ *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.162.

Em *Marxismo* a chave de leitura para podermos entender estas causas se encontra na forma que é apresentado o signo ideológico, como um objeto dotado de pluralidade. Esta questão pode ser notada no início da obra, pois o signo ideológico pode carregar tanto a noção de verdade como também de falsidade. Não é a toa que o autor utiliza-se da figura do Deus romano Janus, no qual representa de forma significativa esta questão da contradição.

Ora, como este problema é resolvido no interior de *Marxismo*? E como podemos entender o discurso direto e indireto no interior da obra?

De maneira geral, o exercício proposto no interior da obra é a análise de diversos elementos, sejam eles fisiológicos, psicológicos, filosóficos, ou históricos. Todos estes componentes estão abarcados dentro de uma unidade chamada linguagem. A este respeito, Clark e Holquist argumentam que a visão contida em *Marxismo* é unitária e universalista dentro da exata medida em que esta guarda várias perspectivas sobre um mesmo assunto.

Diversos autores debatem este posicionamento e temos as mais variadas questões. Ora, cabe-nos problematizar. O que a ideologia tem a ver com isso? De maneira geral, a ideologia permite explicar as estruturas sociais que, ao modificarem, acarretam modificações discursivas que transformam, por sua vez, a própria língua. Para entendermos de maneira profunda, o discurso seria, então, reflexo das estruturas históricas e sociais de uma determinada sociedade situada em uma determinada época. Estes elementos que são inseridos pela sociedade tem seu fundamento na existência econômica de uma comunidade linguística dada. Com esta leitura marxista, a noção de subjetividade e a psicologia do indivíduo são descartadas, uma vez que seu fundamento é encontrado no materialismo dialético.

É importante salientar que o discurso é uma reação ativa de uma enunciação a outra que podem ser apreendidas por meio de construções específicas da língua. Neste sentido, as formas sintáticas do discurso direto e indireto constituem-se a partir de tendências dominantes de cada época. Portanto, se a língua é o reflexo das relações sociais dos falantes, dependendo da época e de seu contexto, o que irá se ver são diferentes variantes dominantes ao longo do tempo. Portanto, se a linguagem permite a apreensão do discurso do outrem, a infiltração de réplicas e comentários do dizer de um do dizer do outro, o que irá acontecer é a consequente neutralização do discurso do outrem para dar lugar a um ponto de vista dominante.

É neste sentido que podemos entender como o autor utiliza-se do discurso direto e indireto como elementos práticos a se entender a língua e é dessa forma também que se pode entender a relação entre linguagem e ideologia.

3.3. Conclusão

Marxismo e filosofia da linguagem é um livro sobre as relações entre linguagem e sociedade, colocado sob a ótica dialética do signo, enquanto efeito das estruturas sociais. Considerando o signo e a enunciação de natureza social, questiona-se em que medida a linguagem determina a consciência, a atividade mental e também em que medida a ideologia determina a linguagem. O autor entende que o produto ideológico faz parte da realidade social e material e esse produto ideológico transforma-se em signo ideológico que reflete e refrata outra realidade que lhe é exterior, pois tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Assim, um objeto físico vale por si próprio, mas toda imagem artístico-simbólica ocasionada por ele, o objeto físico em particular, constitui um produto ideológico. Essa é a conversão do objeto físico em signo. A partir daí, esse objeto passa a refletir e a refratar outra realidade. Portanto, a ideologia surge dos embates sociais que tem sua existência nos signos, elemento importante na obra.

O autor conclui que há vários “caminhos para estudar a transformação dialética da palavra” e o melhor caminho para estudar esta transformação seria examinar a transformação da própria língua como material ideológico, “como meio onde se reflete ideologicamente a existência”. Este caminho leva ao estudo da “reflexão da evolução social da palavra na própria palavra”, dentro de contextos sócio históricos. Sendo assim, a linguagem, como aponta o autor de *Marxismo* deve ser estudada como uma realidade viva, dotada de materialidade.

Neste sentido, a filosofia marxista da linguagem tem como ponto de partida a enunciação como realidade da língua e ao mesmo tempo como estrutura ideológica. Deste modo, noções como: discurso interior que são largamente criticadas em *marxismo* ganham novas significações. Assim sendo, o discurso interior, parte da consciência individual que se constrói pela consciência social. E a consciência

individual está impregnada de conteúdo ideológico. Portanto, a novidade colocada em questão é que a consciência não está fora da ideologia, embora possa haver modificações ideológicas.

Deste modo, as transformações ideológicas acontecem como reação a uma modificação da infraestrutura, realidade vista como relações de produção e estruturas sócio políticas derivadas de um processo dialético de transformação social. No esquema de *Marxismo* é essa realidade que irá determinar o signo ideológico cujas formas são condicionadas pela organização social dos indivíduos e quanto pelas condições superestruturais.

É por esta razão que as palavras são tecidas por uma multidão de fios ideológicos, pois servem de trama para todas as relações em todos os domínios. É por isso que a palavra serve como o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, desde as mais simples as mais complexas. É neste sentido que se considera que as diferentes classes sociais têm registros de línguas diferentes e a ideologia surge como um reflexo das estruturas sociais. Deste modo, diferentes classes sociais possuem diferentes ideologias, o que acarreta modificações nos gêneros discursivos e na língua.

Para entender estes elementos, se percorreu um longo caminho: a análise dos três adversários, a exposição do debate e sua posição sobre a linguagem e por fim, a tentativa de aplicação do método sociológico por meio da literatura e o profundo exame realizado nesta parte.

3.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O motivo inicial de realizar esta pesquisa surgiu em um momento onde deparamos com inúmeros estudos relativos à linguagem, principalmente os estudos de Wittgenstein. A partir deste contato inicial, podemos perceber que por trás deste livro havia um autor com um trabalho extremamente sofisticado e muito semelhante em algumas concepções, por exemplo, as de Wittgenstein. Neste sentido, a origem desta pesquisa está relacionada à fortíssima impressão que o texto *Marxismo e filosofia da linguagem* guarda em relação ao contexto de debate da chamada filosofia analítica, em específico, algumas semelhanças as questões relativas à

interioridade, a linguagem como prática, entre outras questões das quais não se pode aprofundar nesta dissertação, pois o trabalho sairia totalmente de seus objetivos estabelecidos.

De início, este contato trouxe uma perplexidade. Como um autor com posições sofisticadas e inovadoras sobre a linguagem permaneceu no obscurantismo? Sabemos que o contexto ao qual a obra *Marxismo e filosofia da linguagem* estava inserida não permitiu a divulgação de seu trabalho por razões que até os dias de hoje não são tão claras.

A partir destes questionamentos iniciais começamos a pesquisar a obra e notamos vários temas a pesquisar e foi a partir deste contato fortuito que surgiu o tema aqui pesquisado: linguagem e ideologia em *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Em primeiro lugar, para iniciar nossa conclusão geral sobre a pesquisa, faremos uma breve exposição do caminho trilhado até então. *Marxismo e filosofia da linguagem* caracteriza sua filosofia como uma investigação sobre o caráter material da linguagem, investigação esta que só cessará quando esta for compreendida sob a ótica do materialismo dialético. Para isso o autor se utiliza da dialética como forma de compreensão de alguns problemas encontrados quando o assunto é a linguagem. O principal problema é referido no início de *Marxismo*: a filosofia idealista e a visão psicologista de cultura que situam a ideologia na consciência. Para o autor, este é maior problema, uma vez que compreendida, a ideologia como um fato da consciência, os problemas mais objetivos acabam sendo transportados para o terreno da consciência, este é o ponto de partida do autor. E a quem o autor de *Marxismo* se refere? No primeiro capítulo desta dissertação denominado de “O núcleo da concepção de *Marxismo* e o embate com seus adversários”, mostramos que este problema se refere a dois adversários. O primeiro a ortodoxia marxista, e o segundo ao Ernst Cassirer, representante do neokantismo.

No primeiro adversário, a ortodoxia marxista, o autor expõe em seu debate o problema de compreender a ideologia na perspectiva do marxismo soviético. O debate inicial tem como pressuposto a questão da ideologia, consciência e principalmente a relação entre infraestrutura e superestrutura. Apesar de não mencionar diretamente quem são os autores desta ortodoxia, a grande crítica colocada no debate talvez seja a ausência de estudos marxistas relacionados à linguagem, razão pela qual, cremos que surgem estes problemas.

Ao abordar a relação entre infraestrutura e superestrutura, notamos que há uma denúncia em *Marxismo e filosofia da linguagem*. A maneira de abordar este tema, a saber, como a infraestrutura determina a superestrutura, a resposta normalmente dentro do marxismo é a causalidade, segundo o autor. Esta resposta foge totalmente dos princípios do materialismo dialético. Ora, qual o problema em questão abordado na primeira parte do capítulo? Não resta dúvida que a maneira de entender o tema pela causalidade rompe com os princípios do materialismo dialético. A crítica que se coloca de pano de fundo tem como pressuposto a ciência de viés positivista que não se utiliza do método dialético para análises dos problemas. Temos aqui uma novidade da qual não aprofundamos em *Marxismo e filosofia da linguagem*. Ora, que novidade é esta? A dialética como discurso do método utilizado em *Marxismo*. Se analisarmos o texto de Lukács “O que é o marxismo ortodoxo?”, podemos notar que no limite desta concepção de ortodoxia nos coloca em discussão. O autor de *Marxismo e filosofia da linguagem* se coloca muito parecido no que concerne a questão da dialética, pois o autor se utiliza desta como um instrumento metodológico para fazer a análise dos problemas relacionados à linguagem e analisar as concepções de seus adversários. No entanto, cabe salientar que o texto de *Marxismo e filosofia da linguagem* se afasta significativamente desta concepção de ortodoxia, na medida em que suas preocupações não estão relacionadas somente com o debate em torno de políticas na concepção marxista de mundo. O que esta afirmação tem a dizer? Certamente, *Marxismo e filosofia da linguagem* se mostra como um trabalho explicitamente marxista, mas este se utiliza de outras áreas do conhecimento para aprofundar sua análise da linguagem, o que traz novidades significativas para o debate em contexto pós revolução russa. Novidades como, por exemplo, a linguagem entendida com prática.

Dentre as inúmeras considerações colocadas no interior do debate, a questão da ideologia tornou-se objeto de foco de debate para à análise de seu segundo adversário: o neokantiano Ernst Cassirer e a obra *Filosofia das formas simbólicas: a linguagem*. A crítica de Voloshinov direcionada em Cassirer tem como foco a questão da representação. Vimos na segunda parte deste capítulo que a consciência representa apenas uma coisa e para o autor de *Marxismo* Cassirer é um dos representantes do idealismo de viés psicologista, que tem colocado a questão

da ideologia na consciência e afirma que a ideologia é um fato de consciência e que esta torna-se apenas um revestimento da consciência. O que para o autor de *Marxismo* é totalmente diferente.

Sobre o último adversário, Ferdinand de Saussure, a dialética é colocada em debate justamente com esta noção de Saussure. Mas qual é o objeto de debate? A noção de ideologia que fica totalmente em esquecimento, pois as formas ideológicas e seus significados não desempenham papel algum na obra de Saussure.

No segundo capítulo denominado de: *Por uma filosofia marxista da linguagem*, tentamos resolver o problema de como se constitui a linguagem. Ora, qual a concepção contida em *Marxismo* a respeito da linguagem? Parece-nos claro que a concepção do autor mostra-se clara. A linguagem é uma atividade, da qual, várias facetas podem ser colocadas. No início deste capítulo vimos como é a busca pelo objeto de estudo. O autor coloca vários elementos dos quais até em determinados momentos parecem coisas completamente dispares a obra. Contudo, não é o que se vê, estes elementos incorporados de maneira gradual tem como objetivo mostrar que toda atividade humana está em certa medida relacionada com a linguagem. Neste sentido, tentar entender estes movimentos colocados no interior do texto mostra-se como um exercício cerne, sem a qual, não é possível compreender a linguagem e seus pressupostos carregados anteriormente.

Certamente, a grande novidade colocada neste segundo capítulo é a maneira pela qual é construída a noção de linguagem. Diferentemente da mera apresentação de um conceito, o autor vai construindo lentamente o que seria a linguagem. Para isso, inicia por elementos que aparentemente parecem externos, mas que na verdade fazem parte deste conjunto imenso denominado de linguagem. Elementos tais como: os elementos físicos, psicológicos, fisiológicos e o principal, que é determinante de todos, o aspecto social.

Cabe-nos perguntar: porque o aspecto social se mostra como um dos elementos cernes na construção desta noção de linguagem? E mais, o que guarda esta estratégia utilizada pelo autor?

Nesta pequena busca e apresentação sobre o objeto de pesquisa da obra, o autor articula em forma de eixos temáticos, de modo a evidenciar como se expõe e se constrói seus argumentos para o surgimento do aspecto social, o que por detrás

de todos estes aspectos constitutivos da linguagem, certamente revela-se uma visão unitária da linguagem, onde esta seria uma atividade humana, onde todos os diversos campos da própria atividade humana estariam de certa forma, ligados ao uso da linguagem. Esta visão notadamente exposta em *Marxismo* parece denotar perfeitamente que o caráter e as formas deste uso da linguagem sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana. O que não contradiz, a nosso ver, sua forma de busca do objeto de seu estudo: a linguagem.

Esta visão da linguagem seria uma atividade ligada ao uso e é semelhante à visão de Wittgenstein em suas *Investigações filosóficas*. Nesta obra anteriormente citada, a questão do uso está ligada a questão do significado e se situa no contexto de debate a oposição a imagem agostiniana da linguagem. Este debate culmina no parágrafo 43, que é exposto da seguinte maneira:

Pode-se, para uma *grande* classe de casos de utilização da palavra “significação” – se não para *todos* os casos de utilização -, explicá-la assim: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem.¹¹⁷

Esta citação se situa em meio ao contexto ao que parece ser um longo debate acerca da recusa pela questão do significado. Note-se que o termo uso não é mais claro do que o termo significado. O uso, ao que nos parece é o que fazemos com a língua, semelhante a uma prática ou como outra qualquer atividade humana. Neste sentido, o uso pode ser bastante variado, dependendo do contexto ao qual se está inserido. Por exemplo, no interior de um processo de comunicação, as pessoas podem estar aptas a aceitar que é desnecessário admitir que as palavras tenham um significado determinado, bem como o seu uso. Em situação cotidiana, as pessoas podem chegar simplesmente a um mero acordo sobre o uso das palavras.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, a diferença pequena que ocorre neste debate de aproximação com Wittgenstein é sobre a questão da ideologia. Semelhante ao autor austríaco, o autor de *Marxismo* vê a linguagem com uma atividade humana ligada ao uso da linguagem. Pois como vimos anteriormente, o

¹¹⁷L. Wittgenstein. *Investigações filosóficas*, (P.U. 43)

caráter desse uso pode ser tão multiforme, que vai depender do contexto ao qual se está inserido. Em *Marxismo*, estes elementos variados de usos não vão descaracterizar o caráter único da língua. Esta pequena comparação serviu apenas para explicitar o quanto esta obra está inserida em um contexto de debate e ao mesmo tempo distante do mesmo.

No terceiro capítulo, o que ocorre após a análise dos dois capítulos anteriores é fazer uma pequena exposição temática em seu contexto específico. De que maneira? No primeiro capítulo colocamos o eixo temático e o núcleo de debate de *Marxismo*. Após este movimento, o segundo capítulo mostra como é construída seu objeto de pesquisa, a linguagem, e para isso, o autor tem como objetivo principal explicitar o que seria uma filosofia marxista da linguagem. Para explicarmos o que seria esta filosofia marxista da linguagem, a obra deixa claro que a filosofia marxista da linguagem não pode ser levada a sério se não tiver dois elementos básicos de sua constituição: i) a ideologia, ii) o signo. Sem estes elementos não seria possível construir esta filosofia da linguagem. Por fim, neste último capítulo, Voloshinov tenta mostrar que por meio da análise do discurso, em específico o discurso direto e indireto é possível perceber a transformação dialética da palavra. O melhor caminho para estudar esta transformação seria examinar a transformação da própria língua como material ideológico e como esta reflete ideologicamente. É dentro deste contexto que a análise deste material ideológico é a literatura, que é estudada como uma realidade dotada de materialidade.

Ao fazer esta pequena análise de um estudo específico, (o discurso direto e indireto e suas variantes), o autor sai da análise mais geral para um caso em particular para mostrar que a filosofia marxista da linguagem tem como ponto de partida a enunciação como realidade da língua, ao mesmo tempo a estrutura ideológica. É neste contexto de debate que noções de discurso interior são largamente criticadas e ganham novas significações. Não resta dúvida que para o autor o grande problema (a consciência) está impregnada de conteúdo ideológico. Portanto, a novidade colocada em questão é: a consciência não está fora da ideologia, embora possa haver modificações ideológicas.

É neste pequeno contexto de análise que se vê que as transformações ideológicas acontecem como reação a uma modificação da infraestrutura, realidade vista como relações de produção e estruturas sócio políticas derivadas, num

processo dialético de transformação social. Em *Marxismo* é essa realidade que irá determinar o signo ideológico, cujas formas são condicionadas pela organização social dos indivíduos e quanto pelas condições superestruturais.

Talvez aqui fique mais claro que linguagem e ideologia em *Marxismo e filosofia da linguagem* não podem ser compreendidos separadamente. Estes estão em um constante processo dialético, no qual se interagem constantemente. Por isso, a obra *Marxismo e filosofia da linguagem* certamente não conclui este percurso exposto ao longo desta dissertação e não resolve algumas dificuldades enfrentadas ao longo do caminho. Entretanto, a partir desta pequena leitura introdutória que fizemos sobre a obra, focando a temática em questão (linguagem e ideologia em *Marxismo e filosofia da linguagem*) estamos certos que se abre um novo campo de estudo para se pensar a linguagem e ideologia dentro dos inúmeros debates na filosofia da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

БАХТИН.М. (1919) *Искусство и ответственность*. Disponível em: <http://www.philosophy.ru/library/bahtin/otv.html>

_____. (1919) *Arte e responsabilidade*. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

_____. (1919-1921) *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza de Toward a Philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press, 1993.

_____. *O autor e o herói na atividade estética*. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética e criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

_____. *A respeito de problemas da poética de Dostoiévski*. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética e criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

БАХТИН М. М. *Эстетика словесного творчества* / Сост. С. Г. Бочаров; Текст подгот. Г. С. Бернштейн и Л. В. Дерюгина; Примеч. С. С. Аверинцева и С. Г. Бочарова. — М.: Искусство, 1979. — 424 с. — (Из истории сов. эстетики и теории искусства).

_____. (1929) *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo/Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997. 2a. Edição.

_____. (1940; 1965) *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rabelais*. Brasília: Ed. UnB. 2006.

_____. (1952-1953) *Os gêneros do discurso*. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética e criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

_____. (1959-1961) *O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas: uma experiência de análise filosófica*. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética e criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

_____. *Apontamentos 1970-1971*. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética e criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

_____. (1974) *Metodologia das ciências humanas*. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética e criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

_____. (1975) *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad.: Aurora Foroni Bernardini. São Paulo, Editora da Unesp/Hucitec, 2000.

_____. (1979) *Estética e criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

_____. (Voloshinóv, 1926) *O discurso na vida e o discurso na arte*.

_____. (Voloshinóv, 1927) *Freudismo: um esboço crítico*. São Paulo: Perspectiva. 2001.

_____. (Volochinov, 1929) *Le Marxisme et la philosophie du langage. Essai d'application de la méthode sociologique en linguistique*. Minuit, 1977.

ВОЛОШИНОВ Валентин Николаевич. *Марксизм и философия языка*. Ленинград: Прибой, 1930. Disponível em:

<http://www2.unil.ch/slav/ling/textes/VOLOSHINOV-29/introd.html>. Centre de recherches en histoire et épistémologie comparée de la linguistique d'Europe centrale et orientale (CRECLECO) / Université de Lausanne // Научно-исследовательский центр по истории и сравнительной эпистемологии языкознания центральной и восточной Европы

_____. (Voloshinov, 1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Ed. Hucited. 2006.

BERNARD- DONALDS. Michael. *Mikhail Bakhtin: Between Phenomenology and Marxism*. Cambridge University press, 1994.

BONDARENKO. Maria. V. *Voloshinov et d'autres à travers le prisme de la théorie du signe*. Disponível em: http://uqam.academia.edu/MariaBondarenko/Papers/171211/V.Voloshinov_et_dautres_a_travers_le_prisme_de_la_theorie_du_signe

_____. *Reflet vs réfraction chez les philosophes marxistes du langage des années 1920-30 en Russie : V. Vološinov lu à travers V. Abaev*. Disponível em http://uqam.academia.edu/MariaBondarenko/Papers/171216/Reflet_vs_refraction_chez_les_philosophes_marxistes_du_langage_des_annees_192030_en_Russie_V._V_oloshinov_lu_a_travers_V._Abaev

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro, Zahar, 2009

BRANDIST. Craig. *The circle of the Bakhtin*. Disponível em: <http://www.iep.utm.edu/bakhtin>

CLARK, K e HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva. 2008. COSTA, Nelson Barros da. *Contribuições do marxismo para uma teoria crítica da linguagem*. São Paulo, 2005

DENTITH. Simon. *Bakhtinian thought. A introductory reader*. Havard University press, 2008.

DOSTOIEVSKY; Fiodor Mikhailovitch. *O idiota*. São Paulo, ed 34,2008..

EAGLETON, Terry. *Ideologia. Uma introducao*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

EMERSON, Caryl. *Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Diefel, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

FERNANDES. Vladimir. *Filosofia, ética, e educação na perspectiva de Ernst Cassirer*. São Paulo, 2008 (tese de doutorado)

FRANK. Josef. *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura*. São Paulo: Edusp, 1992.

HENRIQUES, Maria José Rizzi. *As raízes marxistas de Bakhtin*. Revista Estudos lingüísticos n° XXXV, Dezembro de 2007.

KANT. Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo, 2008 (coleção os pensadores)

KUSH. Martin. *Psychologism: a case study of the sociology of philosophical knowledge*. Cambridge University press, 2009

KRYSINSKI, Wladimir. *Bakhtine et la question de l'idéologie*. Études françaises, vol. 20, n° 1, 1984, p. 21-36. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/036813ar>

LENIN, Vladimir Ilich Lênin. *O estado e a revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução*. São Paulo: 2007.

LOWY, Michael. *Walter Benjamim: aviso de incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de história*. São Paulo: Boitempo, 2005.

LOCKE, J. *Ensaio acerca do entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Tradução de J C Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Coleção Os Pensadores.

_____. *A ideologia alemã*. São Paulo, 1978.

_____. *O manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1998.

_____, *Prefácio à contribuição a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982 (Coleção os Economistas)

_____. *Teses sobre Feuerbach*. In *A Ideologia Alemã*. Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, 1997.

_____. *O Capital*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Vol. 1, tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MILANI, Sebastião Elias. *Wilhelm von Humboldt: Nascimento, filosofia e ciência*. in: *Signótica*, v. 18, n. 2, p. 309-325, jul./dez. 2006

MIOTELLO, V. *Ideologia*. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 167-176.

MORSON, L G.S e EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: Criação de uma prosaística*. São Paulo: EDUSP, 2008.

PAULA, Luciane e STAFUZZA, Grenissa. *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. São Paulo: Mercado das letras, 2010.

PEYTARD, Jean. *Evaluation sociale dans les thèses de Mikhaïl Bakhtine et représentations de la langue*. Langue française, Année 1990, Volume 85, Numéro 1

SACRISTÁN. L. *Luckás y el marxismo ortodoxo*. Disponível em <http://ebookbrowse.com/sobre-el-marxismo-ortodoxo-de-gyorgy-lukacs-pdf-d419946733>.

Data de acesso, 10/10/1012

SAUSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, 1978 (Coleção os pensadores)

SAINT-OUEN, Francois. *De la matérialité du discours aux espaces discursifs*. In: *Revue française de science politique*, 34e année, n°3, 1984. p. 428-448.

SANTOS, Ivanildo e NASCIMENTO, MARIA. *Bakhtin e Wittgenstein: teorias em diálogo*. Disponível em http://www.theoria.com.br/edicao0310/bakhtin_e_wittgenstein.pdf.

Data de acesso, 10/10/1011.

SOUZA, Geraldo Tadeu de. *Introdução a teoria do enunciado concreto: Do círculo Bakhtin/Voloschínov/Medvedev*. Tese de Doutorado. USP - FFLCH. 2002

TCHOUGOUNNIKOV, Serguei. *O dialogismo e a Paleontologia da linguagem: o círculo de Bakhtin na episteme soviética*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

_____. *O círculo de Bakhtin e o marxismo soviético: uma "aliança ambivalente"*. Universidade de Dijon. Disponível em